

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA

Elenir Maria de Jesus Bravosi

**MEMÓRIAS DE IDOSOS SOBRE INFÂNCIA E CANTIGAS DE RODA NA CIDADE
DE PARANAÍBA-MS**

**Paranaíba, MS
2015**

Elenir Maria de Jesus Bravosi

**MEMÓRIAS DE IDOSOS SOBRE INFÂNCIA E CANTIGAS DE RODA NA CIDADE
DE PARANAÍBA-MS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência parcial para licenciatura do curso de Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Milka Helena Carrilho Slavez

**Paranaíba, MS
2015**

ELENIR MARIA DE JESUS BRAVOSI

**MEMÓRIAS DE IDOSOS SOBRE INFÂNCIA E CANTIGAS DE RODA NA CIDADE
DE PARANAÍBA-MS**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

Aprovado em/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Orientadora:

Profª Dra. Milka Helena Carrilho Slavez
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Ademilson Batista Paes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Prof. Me. Weslem Martins Santos
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Esperamos em suma, que a memória nos
faça reviver aquela experiência juvenil.
(Ecléia Bosi, 1994)

Dedico este trabalho aos meus pais Joaquim Antonio de Jesus (*in memorian*) e Maria Odete Pereira de Jesus pela educação que me deram e o por despertarem em mim o gosto pela leitura. Ao meu pai por ser um contador nato de histórias e à minha mãe por sempre ler para mim e meus irmãos literatura de cordel.

Dedico ainda aos meus filhos Jéssica e Darci que me incentivaram e apoiaram quando voltei a estudar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, a Nossa Senhora de Aparecida e todos os santos de minha devoção pela força e perseverança que me deram ao longo de toda essa caminhada.

À minha orientadora, Profa. Dra. Milka Helena Carrilho Slavez, que não mediu esforços para a construção deste trabalho e crescimento em minha formação acadêmica.

Estendo meus agradecimentos aos professores Ademilson Batista Paes e Weslem Martins Santos que aceitaram participar desta banca.

À minha mãe, Maria Odete Pereira de Jesus, a meu pai, Joaquim Antonio de Jesus (*in memorian*), e aos meus tios Marina e Osvaldo (*in memorian*), especialmente à minha tia Marina (*in memorian*). Queria registrar o quanto sou grata por todo o incentivo que me deram quando tracei esse caminho árduo para o meu crescimento e ela dizia com toda a simplicidade e carinho que eu era guerreira e que sabia que eu venceria todos os obstáculos para chegar até aqui.

À minha amiga e vizinha Maria Aparecida de Jesus que me incentivou a estudar, quando ingressei na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Aos meus Irmãos, Eliana Aparecida, Edmar Júlio, Antonio Marcos e Márcio Antonio. Aos meus Filhos Jéssica e Darci Filho. Ao meu esposo Darci. Ao meu genro Flávio. À minha cunhada Alexandra, aos meus sobrinhos e sobrinhas, enfim, a toda a minha família meu agradecimento é imenso, pois foram o meu pilar e apoio durante toda essa trajetória de altos e baixos e de muitas realizações.

Ao meu Orientador de extensão, Prof. Dr. Ademilson Batista Paes, que me supervisionou na realização do projeto desenvolvido em 2012 intitulado “Educação patrimonial e cultural: dialogando com alunos e professores da rede pública de Paranaíba Mato Grosso do Sul”, vinculado ao projeto “Catalogação e Dinamização dos acervos do Arquivo Histórico Municipal Guilherme Hans e Museu Municipal Dico Quirino de Paranaíba- MS”, no campo da História da Educação.

À minha comadre e amiga Marlene Alves Garcia que sempre me estimulou quando eu pensava em desistir.

Às minhas amigas Íris Cristina Ferreira, Sylvania Gonçalves, Maria Eduarda Vieira, Maria Isabel da Silva e Tatiele Borges dos Santos. Amigas queridas e companheiras que estiveram presentes em todo o momento de dificuldade como também de conquistas.

A todos do Centro de Educação Infantil (CEINF) Francisca Ferreira da Silva (Dona Chiquinha), especialmente à professora Dagmar Sousa e Silva, que me apoiou e norteou o meu aprendizado na prática e na vivência diária.

Aos professores que participaram de toda a minha trajetória, em especial à Doracina Aparecida de Castro Araújo, Gabriela Mussuia Motta, Maria Sílvia Rosa Santana e Michella Mitiko Kato Meneses de Sousa.

À Professora Dra. Lucélia Tavares Guimarães, uma pessoa que tenho um carinho especial e a quem posso chamar de amiga e mentora, por não medir esforços nem tempo para me auxiliar quando tive dificuldades em entender os textos acadêmicos; sempre me auxiliou com suas orientações e acreditou em mim quando eu mesma duvidava.

A todos os técnicos da UEMS, destacando Júnior Tomaz de Souza, Márcia Cristina Voltan de Paula e Rozeni Lima Sousa que muito me auxiliaram na secretaria e na biblioteca.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira (GEPHEB), que contribuiu de forma significativa para minha formação.

Às pessoas que entrevistei em especial aos idosos do Lar Santo Agostinho que me possibilitaram a realização deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), que proporcionaram minha participação nas bolsas de Extensão e no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). A experiência com estas atividades abriu caminhos para que eu pudesse percorrer em busca de novos conhecimentos.

A todas as colegas do PIBID, em especial à Escola Estadual Dr. Ermírio Leal Garcia e minha supervisora Laurenice Fátima Coutinho de Carvalho.

Estendo ainda meus agradecimentos a todos os colegas de turma, em especial à Daniela Aparecida da Silva Sales e Tatiele Borges dos Santos que participaram comigo do Projeto de Extensão.

Enfim, a todos que participaram dessa trajetória de muito estudo, dificuldades, experiências significativas para o meu crescimento pessoal e profissional, quero registrar aqui o meu eterno, singelo e sincero agradecimento. Muito obrigada a todos vocês, de coração!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer o mapeamento das cantigas de roda que estão presentes nas memórias de alguns idosos, alguns que vivem no Lar Santo Agostinho em Paranaíba- MS e outros escolhidos aleatoriamente. As cantigas de roda são muito importantes para a interação, socialização e desenvolvimento da criança, devem estar sempre presentes em seu cotidiano, seja na escola, em casa ou em outro local. A bibliografia utilizada possibilitou refletir sobre a necessidade das cantigas de roda e, de certa forma, abordar o contexto cultural que deveria permanecer ao nosso redor, admitindo que a cultura seja fundamental para a formação do indivíduo. Utilizamos autores como: Freitas (2006); Fernandes (1979); Cascudo (2001) Bosi (1994) Campos e Gil (2008). A parte prática de nossa pesquisa, foi por meio da história oral e seus procedimentos que foram citados no decorrer desta, possibilitou que as entrevistas fossem bem-sucedidas em todos locais. Considera-se que as cantigas de roda devem ser valorizadas e jamais esquecidas como vem ocorrendo nos dias atuais, levando em consideração que ela influencia positivamente na formação humana da pessoa.

Palavras-chave: Folclore. Cantigas de roda. Brincadeiras. Memória. História Oral.

ABSTRACT

This paper aims to map the nursery rhymes that are present in the memories of some elderly, some of them live at Lar Santo Agostinho in Paranaíba- MS and other were randomly chosen. The nursery rhymes are very important for interaction, socialization and development of children; they must always be present in their daily lives, whether at school, at home or elsewhere. The bibliography used made it possible to reflect on the need for nursery rhymes and for that, approach the cultural context that should remain around us, admitting that culture is central to the formation of the individual. We use authors as: Freitas (2006); Fernandes (1979); Cascudo (2001) Bosi (1994) and Gil Campos (2008). The practical part of our research was through oral history and its procedures were mentioned in the course of this and it allowed the interviews were successful in all locations. It is considered the nursery rhymes should be valued and never forgotten as it has today, considering it positively influences the formation of the human person.

Key words: Folklore. Nursery rhymes. Play. Memory. Oral History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CANTIGAS DE RODA: manifestação folclórica na formação da criança	13
1.1 Contextualizando o folclore	13
1.2 A música como expressão folclórica	16
1.3 Cantigas de roda no contexto folclórico	19
2 HISTÓRIA HORAL: recuperando as experiências vividas no passado	25
2.1 Contextualizando a História Oral	25
2.2 História Oral e Memória: recuperando o passado	28
2.3 Conhecendo as etapas da realização da História Oral	31
3 BRINCADEIRAS DE IDOSOS DE PARANAÍBA	35
3.1 Histórico do Asilo Santo Agostinho de Paranaíba/MS	35
3.2 Entrevistas com idosos e as referências das brincadeiras e cantigas da infância	36
3.3 Cantigas de roda e brincadeiras mencionadas pelos entrevistados	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	48
APÊNDICE 2 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS	49

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema as cantigas de roda, delimitadas no contexto social e escolar de Paranaíba-MS, e que no decorrer do projeto o nome foi alterado para “Memórias de idosos sobre infância e cantigas de rodas na cidade de Paranaíba-MS”. O tema surgiu a partir de um projeto de extensão realizado em 2012 e 2013, intitulado “Educação patrimonial e cultural: dialogando com alunos e professores da rede pública de Paranaíba Mato Grosso do Sul”, vinculado ao projeto “Catalogação e Dinamização dos acervos do Arquivo Histórico Municipal Guilherme Hans e Museu Municipal Dico Quirino de Paranaíba-MS”, sob a orientação do Prof. Dr. Ademilson Batista Paes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba. O projeto estava ligado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira (GEPHEB), foi no grupo de estudos que tive contato com a metodologia de História Oral que nortearam este trabalho.

O que chamou a atenção no decorrer do projeto citado foi o desaparecimento de brincadeiras tradicionais como o pega-pega ou as cantigas de roda. O objetivo do projeto foi apresentar aspectos imateriais e materiais da cultura sul-mato-grossense, como a culinária (galinhada, arroz com gueirova), danças (catira, revirão), festas religiosas (festa do divino, festa de Santana, folia de reis), dentre outras.

Ao levar o projeto para as escolas estaduais e municipais observou-se nos intervalos que não havia mais brincadeiras típicas de gerações passadas, especificamente as de roda, como “Ciranda, Cirandinha” ou cantigas como “Pobre de Marré de Si”, “Atirei o Pau no Gato”, “Teresinha de Jesus” entre outras – o que motivou o desenvolvimento dessa pesquisa.

Estas cantigas vem, ao longo dos anos, desaparecendo do cotidiano social, escolar e familiar, não se vê mais crianças brincando nas ruas, tampouco brincando de pega-pega, esconde-esconde, tampouco de brincadeiras de roda. Com isso passou-se a questionar o porquê de tais brincadeiras sumirem do contexto social, escolar e familiar.

Ao abordar tal temática, nota-se a relevância de compreender a importância do folclore na socialização da criança e nas memórias dos idosos, bem como propiciar a continuidade da tradição popular. O folclore é algo que está inserido na nossa imaginação, cuja transmissão se dá por meio da tradição de geração em geração. (BRANDÃO, 1982).

No campo dos profissionais da educação é necessário reconhecer a importância das brincadeiras e cantigas de roda para assim fortalecer o vínculo cultural passado de geração a geração. Diante disso, torna-se indispensável valorizar a memória das pessoas idosas, pois de

acordo com Bosi (1994), a pessoa, ao chegar à velhice, passa a ser um guardião de lembranças. Suas proezas e histórias de vida ficam marcadas em sua memória e nas nossas também, pois existe neste contexto uma riqueza notável que contempla momentos inesquecíveis e fatos que jamais poderão ser esquecidos, mas valorizados.

No que diz respeito ao contexto escolar, a inserção das cantigas de roda viabiliza a socialização do educando, visando sua expressão, estímulo ao desenvolvimento da fala, coordenação motora, lateralidade, dentre outros aspectos, inclusive o psicossocial, pois a interação da criança nas manifestações poéticas de cantigas de roda torna-se importante porque a criança participa espontaneamente desse momento de aprendizagem.

Desse modo, nesta pesquisa foi feito o registro de algumas das cantigas de roda presentes no município de Paranaíba-MS, realizado a partir de memórias de pessoas que moram no município, em especial, os idosos que vivem no Asilo Santo Agostinho. A ideia de usar esse público surgiu durante nossas pesquisas ao ler o artigo de Campos e Gil (2008) “Meninas de Sinhá”: a reinvenção da vida nas tramas do discurso musical, que relata a experiência desenvolvida com um grupo de senhoras idosas, negras e pobres que vivem na periferia de Belo Horizonte - MG. Essas senhoras sofriam de depressão por inúmeros motivos; algumas por falta de dinheiro, outras por ter perdido o filho ou o marido. Dona Valdete, a fundadora do grupo, ao observar essas mulheres que passavam em frente sua casa, vindo de um posto de saúde com sacolas cheias de antidepressivos, passou a convidá-las a participar de algumas reuniões para conversar e trocar experiências de vida, o que não foi fácil a princípio dado a resistência de algumas. Ao final dos encontros elas sempre cantavam uma cantiga de roda e foi por meio das cantigas que deram um novo sentido às suas vidas. Desse modo, foram as experiências dessas idosas com as cantigas que nos levaram a pensar nos idosos do Lar Santo Agostinho.

Diante disso, é pertinente que identifiquemos não somente a importância das cantigas de roda como também o porquê destas para muitos no cotidiano escolar e social passarem por um processo de perda valor.

Assim, esta pesquisa primeiramente foi realizada por meio de um levantamento bibliográfico, com autores que abordam o folclore, suas características e a importância das cantigas de roda. Em seguida, situamos o trabalho em conformidade com a metodologia da História oral, que consiste em um “método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” (FREITAS, 2006, p.18) e, para finalizar, apresentamos as cantigas de roda coletadas no Lar dos idosos Santo Agostinho e no contexto social do município de Paranaíba, MS.

O trabalho está dividido em três capítulos:

No primeiro capítulo – Cantigas de roda: manifestação folclórica na formação da criança – discutimos o conceito e a importância das cantigas de roda, fundamentado nos autores Fernandes (1979), Cascudo (2001) e outros.

No segundo capítulo – História Oral: recuperando as experiências vividas no passado – trabalhamos um pouco do conceito e do procedimento da história oral, fundamentados em Freitas (2006) e Meihy (2005).

No terceiro capítulo – Brincadeira de idosos de Paranaíba – transcrevemos as entrevistas realizadas por meio da história oral, bem como as considerações extraídas delas.

Nas considerações finais procuramos evidenciar os pontos mais importantes que concluímos a partir das pesquisas bibliográficas e práticas.

Consideramos que a relevância desta pesquisa está no fato de apresentar um tema pouco valorizado no município de Paranaíba, MS, assim como ainda há uma escassez de materiais sobre o assunto. No trabalho proposto foi apresentada a relevância para a área da educação porque contribuirá para novos trabalhos sobre o tema as cantigas.

1 CANTIGAS DE RODAS: MANIFESTAÇÃO FOLCLÓRICA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

1.1 Contextualizando o folclore

Abordar o contexto do folclore é importante para o entendimento das manifestações culturais que estudaremos nos próximos itens, este surge na sociedade como agente cultural que viabiliza as interações entre os indivíduos e deste com o meio em que vivem por meio de atos recreativos.

O folclore brasileiro proporciona vários benefícios conforme afirma Fernandes (1979, p. 13),

Através do folguedo folclórico a criança não só aprende algo, como adquire uma experiência societária de completa significação para o desenvolvimento de sua personalidade. Em segundo lugar, o folclore não é mera fonte de recreação, para as crianças ou para os adultos. A diversão traz consigo a medida do homem: ela também eleva à esfera da consciência ou ao plano da ação certas distinções fundamentais para o comportamento humano [...] em terceiro lugar, em momentos de crise social o folclore pode ser um elo entre o presente e passado.

Por meio do contato com o folclore, a criança vai desenvolvendo sua personalidade, adquirindo experiência, se divertindo e interagindo umas com as outras. O folclore une as ações do passado com as do presente.

Isso nos faz admitir a relevância do o folclore na formação da pessoa, que sendo criança pode desenvolver sua personalidade, realizando novas experiências e mantendo contato umas com as outras, numa interação que é imprescindível para sua vida. Pois, por meio de manifestações culturais, como exemplo as folclóricas, podemos ter um novo olhar sobre a cultura do outro e a nossa, como são significantes as riquezas que as culturas musicais trazem a realidade a qual pertencem, o que elas querem nos dizer de forma implícita.

Nas palavras de Cascudo (2001, p. 240), o folclore

É a cultura popular, tomada normativa pela tradição. Compreende técnicas e processos utilitários, além da funcionalidade. A mentalidade móbil e plástica torna tradicional os dados recentes, integrando-os na mecânica assimiladora do fenômeno coletivo, como a imóvel enseada dá ilusão da permanência estática, embora renovada, na dinâmica das águas vivas. O folclore inclui nos objetos e fórmulas populares uma quarta dimensão, sensível ao ambiente. Não apenas observa, depende e mantém os padrões do entendimento e da ação, mas remodela, refaz ou abandona elementos que se esvaziaram de motivos ou finalidades indispensáveis a determinadas seqüências ou presença social.

Como se vê, o folclore se faz por meio da cultura do povo enraizado de tradição que sofre influências do meio em que está inserido, porém permanece remodelando, refazendo ou abandonando elementos de sua composição, pois é essencial para a vida humana. “O folclore estuda a solução popular na vida em sociedade. Como no passado, e ao contrário da lição dos mestres, acredita-se na existência dual da cultura entre os povos”. (CASCUDO, 2001, p. 241).

Sem sombra de dúvida, o povo vive e permanece em meio a sua cultura, tradição e costumes, que podem ser representados por momentos de diversão, entretenimento, conhecimento e interação; o folclore torna-se o centro de todas essas ações.

Na concepção de Fernandes (1979, p. 16),

[...] o folclore, não obstante, não abrange apenas as objetivações culturais de natureza literária, como os textos dos mitos ou das cantigas de roda. Ele também compreende as objetivações culturais de natureza institucional, que organizam e orientam, socialmente, as atividades humanas, como o rito ou as trocinhas. Nesse sentido, a noção de folclore infantil é inclusiva, nela devendo entender-se tanto os folguedos tradicionais das crianças, quanto as formas de agregação social que êles pressupõem.

Considera-se que o folclore abrange objetivos culturais de cunho literário e de cunho institucional, que permitem às crianças agregar-se socialmente. Para este autor, isto significa que a,

[...] criança pode desenvolver por meio dêles, relações com pessoas que possuem, aproximadamente, a mesma idade, os mesmos centros de interesses, a mesma concepção de mundo e o mesmo prestígio social. Ela pode, portanto, inserir-se num mundo social em que as relações sociais deixam de ser, por natureza e inevitavelmente assimétricas como ocorre no convívio com os adultos – os pais, os vizinhos, os professores etc. Daí a importância dêsse tipo de participação das crianças na vida social ambiente. (FERNANDES 1979, p. 16).¹

Percebe-se que o folclore desencadeia o relacionamento interpessoal, agrupando indivíduos com idades diferentes, mas que tem desejo em comum. Com isso a criança passa a inserir-se no meio social convivendo de forma agradável com as outras pessoas e participando do ambiente em que está vivendo.

O folclore pode transparecer no cotidiano das pessoas, constituindo uma cultura, é o que nos diz Fernandes (1979, p. 27), pois “pode influenciar o comportamento e a mentalidade dos homens como os demais elementos da cultura, que concorrem para a organização das bases emocionais e racionais do horizonte intelectual humano”.

¹ O livro utilizado de Florestan Fernandes é uma versão de 1979, por isso existem palavras que trazem acentos que hoje não são mais usados após alguns acordos ortográficos que ocorreram ao longo desses anos

O I Congresso Brasileiro de Folclore, conforme Brandão (1982) atribuiu às seguintes considerações em relação ao folclore:

1. [...] reconhece o estudo do Folclore como integrante das ciências antropológicas e culturais, condena o preconceito de só considerar folclórico o fato espiritual e aconselha o estudo da vida popular em toda sua plenitude, quer no aspecto material, quer no aspecto espiritual.
2. Constituem o fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do patrimônio científico e artístico humano ou a fixação de uma orientação religiosa e filosófica.
3. São também reconhecidas como idôneas as observações levadas a efeito sobre a realidade folclórica, sem o fundamento tradicional, bastando que sejam respeitadas as características de fato de aceitação coletiva, anônimo ou não, e essencialmente popular.
4. Em face da natureza cultural das pesquisas folclóricas, exigindo que os fatos culturais sejam analisados mediante métodos próprios, aconselha-se de preferência, o emprego dos métodos históricos e culturais no exame e análise do Folclore. (BRANDÃO, 1982, p.31)

Nas palavras de Cascudo (2001, p. 240), o folclore

É a cultura popular, tomada normativa pela tradição. Compreende técnicas e processos utilitários, além da funcionalidade. A mentalidade móbil e plástica torna tradicional os dados recentes, integrando-os na mecânica assimiladora do fenômeno coletivo, como a imóvel enseada dá ilusão da permanência estática, embora renovada, na dinâmica das águas vivas. O folclore inclui nos objetos e fórmulas populares uma quarta dimensão, sensível ao ambiente. Não apenas observa, depende e mantém os padrões do entendimento e da ação, mas remodela, refaz ou abandona elementos que se esvaziaram de motivos ou finalidades indispensáveis a determinadas seqüências ou presença social.

A citação acima permite refletir que o folclore considerado rigoroso incorpora a mitologia, o conhecimento e os avanços das tecnologias, lendas e outros que são herdados e passados de geração para geração e incorporam o modo de vida de um povo. Considera-se folclore dinâmico aquele que vem ampliar a cultura popular, incorporando o que já foi inventado.

Continuando a ressaltar a importância do folclore Fernandes (1979, p. 154),

O folclore é uma cultura; ora não se pode compreender a cultura, separando-a do grupo social que ela exprime [...] o folclore não é uma simples curiosidade ou um trabalho de erudição, é uma ciência do homem – não deve, portanto esquecer o homem, ou melhor, neste caso, a criança.

A afirmação apresentada anteriormente nos permite considerar que o folclore é uma manifestação cultural que se mantém agrupado com os indivíduos, é referente ao homem e

enraizando-o num contexto cultural. Nesse sentido, ver o homem como um ser histórico e cultural é importante para que haja a compreensão da cultura do outro e da nossa própria cultura.

A criança desde cedo precisa se relacionar com a cultura existente ao seu redor, o indivíduo deve ser levado a ter contato e respeito em relação às manifestações culturais. Neste caso, com o folclore, permiti que a criança conheça como as tradições folclóricas contribuem significativamente para que ela compreenda o mundo ao seu redor e as suas raízes históricas.

Assim “[...] a valorização do folclore, o reconhecimento da importância das manifestações populares na formação do lastro cultural da nação, constituem procedimentos capazes de assegurar as opções necessárias ao seu desenvolvimento”. (BRANDÃO, 1982, p. 24).

É preciso que se dê o valor necessário para as manifestações folclóricas, que se apresentam ao nosso meio como representação, e alicerce cultural que conduzem de forma plausível a formação da pessoa.

Percebe-se que as cantigas de roda são importantes para a socialização, desenvolvimento, interação e compreensão da criança. Também é relevante que os profissionais da educação reconheçam o valor das brincadeiras e cantigas de roda para assim fortalecer o vínculo cultural que é passado de geração a geração.

Diante da leitura deste trabalho, refletimos sobre a necessidade das cantigas de roda e de certa forma abordarmos o contexto cultural que deveria permanecer ao nosso redor, admitindo que a cultura é de grande relevância para a formação do indivíduo, para que ele reconheça o ambiente em que esta inserido e suas raízes culturais e, por fim, a contribuição da sua cultura para sua formação enquanto sujeito.

Portanto, o brincar, o cantar e as manifestações culturais folclóricas devem sempre estar presentes no cotidiano escolar, para que as crianças não percam seus vínculos com as tradições que fazem parte de sua história e que devem permanecer na sua trajetória escolar, enriquecendo sempre mais suas vivências e conhecimentos culturais.

1.2 A música como expressão folclórica

Em conformidade com alguns estudiosos, a música é uma linguagem universal, pois “de acordo com a história do homem e antes das primeiras civilizações e das primeiras aldeias agrícolas, e até do próprio conceito de tempo, a música já estava presente, passando a ser uma entre as mais sublimes criações da humanidade” Maquilam (1994, apud EUZEBIO;

RIBEIRO, 2013 p. 14). Seja ela cantada por uma mãe primitiva em uma cantiga de ninar tentando acalmar seu bebê, ou como na Grécia Antiga em que a música fazia parte do cotidiano de toda sociedade, sendo ela sagrada ou não, podendo ser ouvida tanto em funerais, guerras, jogos esportivos, teatros, banquetes entre outros, ela sempre esteve presente nas vidas das pessoas.

Segundo Maquilam (1994, apud EUZEBIO; RIBEIRO, 2013, p. 14) a música entre os antigos gregos era obrigatória e “entre os povos da antiguidade sem dúvidas eram considerados os mais adiantados na arte, inclusive na música”. Este autor ainda afirma que, Pitágoras de Samos, filósofo grego, comprovou que utilizar os sons de uma maneira sequencial e adequada em um instrumento musical pode mudar condutas e padrões de comportamentos acelerando assim os procedimentos de cura por meio da música. Em escavações arqueológicas realizadas em templos, pirâmides entre outros, foram encontrados muitos objetos que comprovam que já existiam no Antigo Egito atividades musicais bem antes de Cristo.

De acordo com Euzebio e Ribeiro (2013) a música era utilizada pelo povo Hebreu com objetivos religiosos ou guerreiros, eles tanto festejavam como lamentavam por meio dos sons. Ainda para estas autoras, a música além de ser sinônimo de festa, alegria, lamentação, dependendo da ocasião que a utilizam, ela pode significar também um momento de tranquilidade e paz, que ajuda o homem a se sentir melhor consigo mesmo e em relação aos outros.

Faustini (1996, apud EUZEBIO; RIBEIRO, 2013) salienta que a existência da música em nossa vida é antiga, constante e moderna. Ela ultrapassa gerações, representando comportamento, pois penetra na vida do homem de forma tão importante que ele a toma como parte essencial em sua vida.

Na concepção de Cascudo (2001, p. 404) a música “[...] é expressão essencial na vida folclórica juntamente com o verso e o acompanhamento instrumental”. Assim, no contexto social e educacional, é importante que a música se faça presente na formação das crianças, aprendendo tudo que é plausível para estas conhecerem e assim utilizá-las de maneira eficiente e satisfatória em suas vidas.

Cascudo (2001, p. 405) esclarece que a música folclórica é a

Música espontânea, criada e aceita coletivamente pelo povo, transmitida oralmente para outros membros da comunidade e tendo função relacionada com os interesses da vida do grupo. É o caso da moda de viola, dos pregões, aboios, dorme-nenês, rodas infantis, cantos e toques de várias danças e folguedos. A música folclórica pode ter raízes na música erudita, cantada nas casas senhoriais e mantida ao longo

do tempo nos ouvidos do povo, como a modinha, os romances, as xícaras, de épocas medievais, ainda cantadas pelo país. É música aceita e utilizada por quem ignora os aspectos teóricos da arte musical, depois transformada ou acrescida de novos aspectos, que correspondem às necessidades funcionais da coletividade.

Como se observa, a música folclórica é originada do povo que a aceitou e a transmitiu na oralidade para outros povos. Enraizada na música, erudita, sofreu transformação e acréscimos que vieram a satisfazer aos anseios do grupo.

Em relação à atividade educativa, “a música é um elo que une e reforça todo o trabalho educativo que se desenvolve com a criança, pois ela desperta a criatividade, a fantasia, a musicalidade, a temporalidade e tem função lúdica” (EUZEBIO; RIBEIRO, 2013, p. 14). Isso implica dizer que a música significa unir e reforçar a atividade educativa realizada com a criança, possibilitando dessa forma que ela se torne uma pessoa criativa, com fantasias, que compreenda a essência da musicalidade, do tempo, isso tudo ao passo que se diverte.

Na concepção de Brito (2005 apud EUZEBIO; RIBEIRO 2013) o trabalho de música com crianças e bebês deve ser um meio para que o conhecimento seja, expressado e acessível, tenham eles necessidades especiais ou não. Nas palavras desses autores:

Antes do nascimento, as crianças já possuem o envolvimento com o universo sonoro, pois na fase intra-uterina os bebês já convivem com um ambiente de sons provocados pelo corpo da mãe, como o sangue que flui nas veias, a respiração e aos movimentos dos intestinos. A linguagem musical é um excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da auto-estima e do autoconhecimento além de poderoso meio de integração social. (BRITO, 2005, apud EUZEBIO; RIBEIRO, 2013, p. 15).

A afirmação anterior permite considerar que, mesmo antes de nascerem, as crianças já estão envolvidas com o universo sonoro, devido a sua convivência com os sons que o corpo da mãe produz. Nesse sentido a inserção das cantigas de roda no contexto escolar viabiliza a socialização do educando, permite a sua expressão e interação com o meio, estimula o desenvolvimento da fala, coordenação motora, lateralidade, dentre outros aspectos, inclusive o psicossocial. Por essa razão a inserção da criança nas manifestações poéticas de cantigas de roda torna-se importante porque ela se sente à vontade e participa espontaneamente desse momento de aprendizagem. De acordo com Euzebio e Ribeiro (2013, p.15),

[...] o processo de musicalização dos bebês e crianças começa espontaneamente, de forma intuitiva, por meio do contato com toda a variedade de sons do cotidiano, incluindo a presença da música, pois a criança é um ser “brincante” e, brincando, faz música e se relaciona com o mundo que descobre a cada dia. E fazendo música a criança, metaforicamente, transforma-se em sons num permanente exercício. E por ser receptiva e curiosa, a criança pesquisa matérias sonoras, descobre instrumentos,

inventa e imita motivos melódicos e étnicos e ouve com prazer a música de todos os povos.

Essas autoras defendem que a musicalização surge na criança e no bebê de forma espontânea e intuitivamente, devido ao seu contato com diversos sons exibidos ao seu meio social, dessa forma, a música aparece como uma maneira de brincadeira, e ao brincar a criança pode se relacionar com o mundo, desvendando-o diariamente. Nesse sentido, a música é um instrumento imprescindível para desenvolver a percepção dos sons ao redor da criança e, introduzir a música na rotina da criança desde cedo, propicia o seu desenvolvimento e aprendizado, tanto na oralidade, como no ouvir, visto que também no movimentar-se.

Segundo Rey (1993, apud EUZEBIO; RIBEIRO, 2013, p.17),

A música é tida como um dos melhores meios de expressão e socialização do ser humano e a formação da personalidade não ocorrem como um processo espontâneo, mas sim de forma organizada e orientado através de ações e atitudes concretas e, também pode ser projetado e avaliado.

No ponto de vista dessa autora, por meio da música o ser humano se expressa, socializa e forma sua personalidade, possibilitando mais organização, orientação e ações estabelecidas em projeto e avaliação. É por meio da música que este ser pode sentir e vivenciar situações profundas de contato com seu sentimento e com o sentimento do outro, visto que a música sempre estará presente nos mais diversos ambientes.

A pesquisa apresentada por Euzebio e Ribeiro (2013 p.19) demonstra que a música é muito importante na formação da criança, pois, possibilita que ela desenvolva sua criatividade, imaginação e se relacione com o mundo, de forma a descobrir novas coisas. Portanto, na escola o educador deve compreender esta importância e fazer com que o estudante tenha o contato com a música para seu desenvolvimento e formação.

1.3 Cantigas de roda no contexto folclórico

Segundo Euzebio e Ribeiro (2013) embora tenha sua origem na Europa, as cantigas de roda foram mais notadas quando se incorporaram ao folclore brasileiro, ao retratar o país e alcançar tamanha essencialidade para nossa cultura.

Fernandes (1979, p. 172) defende que as cantigas de roda

[...] se deslocaram – no tempo e no espaço – de meio e de posição (de Portugal para o Brasil e dos grupos de adultos para os infantis); contudo conservaram a mesma função social, congregando os valores sociais e tradicionais padronizados e os

transmitindo, pela recreação, aos indivíduos, membros da mesma sociedade. Neste caso são as crianças que, dessa forma, asseguram a continuidade tradicional, através dos elementos da sua cultura, continuidade essa posta em crise pelo desaparecimento absoluto ou parcial daqueles traços na cultura adulta.

Nota-se que as cantigas de roda sofreram mudanças no seu formato ao passo que se deslocaram de um lugar para outro. Contudo, mesmo assim, elas não perderam seu valor, sua tradição, características que permitem que as crianças as recriem.

As cantigas de roda, na visão de Euzébio e Ribeiro (2013) permitem o conhecimento das tradições, do cotidiano, dos indivíduos, das festas típicas de cada região, o clima, religião, dentre outros. Cada local apresenta uma forma de representação folclórica que é constituído das cantigas de roda, das histórias populares, das cantigas de ninar e das lendas.

De acordo com Cascudo (2001, p. 102), “o cancionero infantil compreende a totalidade das cantigas entoadas pelas crianças em suas atividades lúdicas e que integram o universo infantil”.

Segundo Euzébio e Ribeiro (2013) as cantigas de roda aos poucos vão ficando apenas na memória de adultos que pertencem a uma geração que tinham como hábito brincar e cantar essas cantigas. Atualmente notamos que essas brincadeiras estão sendo substituídas por outras pertencentes ao mundo virtual. Assim, não podemos deixar de promover a interação com este importante elemento do nosso folclore, pois isso, “implica em entrar em contato com forças vitais do nosso passado, presente e também em reviver conteúdos que estão na base da construção da identidade dos povos”. (EUZÉBIO; RIBEIRO, 2013, p. 20).

Nesse sentido, Cascudo (2001, p. 102) afirma que “[...] essas melodias passam de geração em geração, entoadas pelos adultos ajudam a entreter, embalar e fazer adormecer as crianças. São as canções de ninar, acalantos, cantigas de roda e outras”.

Tendo consciência de que é preciso dar continuidade às brincadeiras folclóricas e cantigas de roda, torna-se necessário que o educador vivencie este momento com as crianças, é o que diz Fernandes (1979, p. 153-154) ao declarar que “não basta observar a criança, de fora, como também não basta prestar-se a seus brinquedos; é preciso penetrar além do círculo mágico que dela nos separa, em suas preocupações, suas paixões, é preciso viver o brinquedo”.

Desse modo, pode-se observar que as cantigas de roda como ferramenta pedagógica contribuem com o desenvolvimento e auxiliam na formação da criança. Ela deve ser valorizada no meio escolar a fim de potencializar a imaginação, a linguagem, a memória.

Constitui-se também como um momento de movimentar-se e brincar com as canções, pois esse momento contribui significativamente no processo de ensino e aprendizagem.

Para Souza (2011) as cantigas de roda, como ferramenta para o ensino são de grande relevância, pois estimula diversas habilidades na criança, o que é de responsabilidade do professor enquanto adulto e mediador do conhecimento científico. Propiciar momentos de interação no processo de ensino e aprendizagem, por meio de manifestações poéticas, é uma maneira lúdica de estimular o desenvolvimento da criança, sendo que está se sentirá acolhida neste momento.

As autoras Euzebio e Ribeiro (2013) consideram que a interação que existem nas cantigas de roda propicia à criança o contato com o outro e, é importante que essa socialização ocorra desde cedo, visto que a criança pode ter uma vida social com condições de se integrar melhor aos ambientes futuros em que ela vá vivenciar, pois a partir das cantigas de roda na infância ela já participa de situações que permitem a integração com os demais de uma forma espontânea.

O brincar e o cantar dentro do cotidiano escolar, segundo Zoboli, Sens e Telles (2011) é uma forma de a criança fazer uma relação e interpretação do mundo em que vive e assim aprender, levando em consideração que o cantar e o brincar farão com que ela construa e assimile novo saberes.

Diante disso, é pertinente que identifiquemos não somente a importância das cantigas de roda, como também que passemos a divulgar essas cantigas para que passem a fazer parte do cotidiano escolar e social. Desse modo, o professor mediador não pode apenas utilizar as cantigas de roda como forma de entreter as crianças e sim uma ferramenta pedagógica de estimulação e aprendizado.

Segundo Fernandes (1979, p. 191) as rodas

[...] são folguedos prediletos das crianças, de primeira infância em particular, e das meninas em geral. Seu mecanismo é muito simples e conhecido. Consiste de um círculo, formado pelas crianças que, de mãos dadas, fazem voltas, cantando ou não. É comum ficar uma criança dentro do círculo, ou uma dentro e outra fora.

Para o autor, a cantiga de roda é uma das brincadeiras prediletas das crianças, é de fácil entendimento e espera-se que muitos indivíduos as conheçam. Dessa forma, o tocar ou segurar as mãos prioriza o contato da criança com outro e com o mundo à sua volta.

Para Souza (2011, p. 88),

As cantigas são deveras provocativas, desde a formação da roda. Têm um atributo humano peculiar, implícito, quase obrigatório já na sua origem. Não se brinca sem

querer. E a vontade, exercitada desde o começo, é elemento próprio de abertura física e psicológica. Não se pode esconder o rosto na roda, devemos normalmente nos dar as mãos, e o caráter das cantigas nos baila, nos move em direção à gênese humana, tão fácil para as crianças, tão difícil para nós adultos.

Souza (2011) enfatiza a partir do trecho acima o quão importante se faz o momento em que a criança interage e socializa com o outro no momento das cantigas de roda, pois assim a criança tem a oportunidade de olhar, sentir e se socializar com o outro.

Cantando a criança atende às suas reais necessidades, desenvolve-se plenamente, compreende o mundo, aprende a enfrentar seus problemas. Em conformidade com Euzebio e Ribeiro (2013, p. 23),

Em uma sessão de cantigas de roda, juntam-se a outras crianças, forma-se uma roda e todos cantam e dançam. Cada um à sua maneira, mas todos são, naquele momento, parte igualmente importante do conjunto onde são movidos unicamente pelo prazer e pela alegria de brincar, cantar e se alfabetizar com as letras das cantigas que são cantadas.

Ao serem cantadas as cantigas de roda possibilitam ao mesmo tempo, executar laços de união e igualdade entre as crianças que aprendem aos poucos a compreenderem a importância da convivência, e que juntos podem ser alegres brincando e se alfabetizando.

Souza (2011, p. 93) assevera que

O corpo que dança é também o corpo que necessita de afetos e toques físicos. Eis aí outra riqueza das cantigas que são apontadas pela musicoterapeuta como essenciais no processo curativo de certos casos. São convites ao abraço, ao laço, ao beijo, ao toque, ao “contato corporal e a troca de afetos”, que “ocorrem de forma natural e prazerosa dentro da segurança dos limites das próprias brincadeiras”.

As cantigas de roda possuem várias riquezas, dentre elas a essência da musicalidade na cura de alguns casos, pois convidam as pessoas a trocarem afeto e aprenderem gostar uma das outras. É também uma forma de enaltecer a união, sentir o mundo a sua volta, de mãos dadas à criança já vai assimilando a importância de caminharmos sempre unidos e, de certa forma de mãos dadas com o outro, pois só assim podemos perceber as particularidades e os sentimentos à nossa volta.

Segundo Euzebio e Ribeiro (2013) as cantigas de ninar eram uma forma das mães primitivas demonstrarem sentimento para seus bebês. Canções que puderam originar a música.

Essas cantigas “atualizam-se através de ações e de reações dos adultos ou das crianças que são organizadas e padronizadas socialmente, na forma de relação social” (FERNANDES, 1979, p. 275). Nas palavras do autor:

[...] as cantigas de ninar inserem-se na estrutura da relação social, como ponto de referência para o desencadeamento de respostas condicionadas, aprendidas anteriormente pela criança. Passadas as primeiras experiências, pelas quais se realiza a aprendizagem, basta o adulto repetir as ações padronizadas, envolvidas pelo acalanto e pelo canto, para a criança tentar desenvolver o ajustamento esperado. (FERNANDES, 1979, p. 275)

Tais cantigas, como vimos, são inseridas no relacionamento dos indivíduos e deles com a sociedade, conquistando assim o que se deseja por meio da aprendizagem que já foi desencadeada na criança.

As cantigas de ninar, na concepção de Fernandes (1979), permeiam a relação entre o adulto e a criança, pois,

[...] projetam a interação de ambos em um plano moral, fazendo-os compartilhar de interesses puramente emocionais, oferecidas pelo embalo mecânico. Imprimindo as tais situações de convivência um caráter lúdico, elas eliminam as barreiras que separam, quase todo o dia, o adulto da criança. (FERNANDES, 1979 p. 276)

Observa-se que com as cantigas de ninar o adulto e criança interagem por meio de ações de cunho emocional, desencadeando situações que levam ao lúdico, o que vai eliminando as barreiras entre ambos no cotidiano. As cantigas de ninar também propiciam um contato íntimo da mãe com o bebê e, além disso, estimula a criança a identificar sons à sua volta desde cedo e também a ouvir o outro.

Fernandes (1979) argumenta que as cantigas de ninar auxiliam no cuidado com a criança, como: o cuidado com seu corpo, dando assistência, conforto, satisfação e respondendo às suas necessidades de forma mais condizente para seu bem-estar.

Para Alencar (2010, p. 111 apud EUZEBIO; RIBEIRO, 2013, p. 24). O educador deve lembrar-se de quando era criança, recuperando suas brincadeiras e as canções existentes nelas, pois “as cantigas-de-roda integram o conjunto das canções anônimas que fazem parte da cultura espontânea, decorrente da experiência de vida de qualquer coletividade humana e se dão numa seqüência natural e harmônica com o desenvolvimento humano”.

Podemos considerar a partir do que foi discutido anteriormente, que as manifestações culturais decorrentes do folclore tornam o indivíduo um tanto mais socializado, divertido,

recreativo e interativo com o mundo e com os outros. Diante disso, é crucial que este não seja esquecido, mas acima de tudo valorizado e trabalhado na sociedade em geral.

Diante de todo o exposto, temos consciência de que é preciso dar continuidade às brincadeiras folclóricas e cantigas de roda, torna-se necessário que o educador vivencie este momento com as crianças.

Nesse sentido, podemos considerar que o professor é o mediador dessa socialização e desse momento que propicia as cantigas e manifestações folclóricas, é o professor que vai possibilitar os primeiros contatos da criança com a cultura que o rodeia. Por isso, é um trabalho significativo e grandioso mediar essa vivência cultural e possibilitar que a criança sinta e perceba desde cedo quão rico é o folclore brasileiro.

Por fim, para que possamos ser continuadores dessa cultura, é importante à realização desse trabalho, visto que ele vem para reforçar esse objetivo de não deixar que se perca do cotidiano escolar momentos de apreciação da nossa cultura folclórica e de socialização e interação entre as crianças e o mundo que ela vivencia.

2 HISTÓRIA ORAL: RECUPERANDO AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NO PASSADO

Dirás o que puderes lembrar. Trabalho com fragmentos de episódios, restos de acontecimentos, e tiro disso tudo uma história, tecida num desenho providencial. Quando me salvastes, tu me deste o pouco futuro que me resta e te recompensarei, devolvendo a ti o passado que perdeste. (Sônia Maria de Freitas)

2.1 Contextualizando a História Oral

Existe em cada ser humano uma bagagem histórica repleta de fatos e acontecimentos do passado que nos faz emocionar uns com outros, por meio de conversas nas quais serão exibidas maneiras de viver, cultura e tradição. Assim, refletir sobre o contexto da história oral é de suma importância para compreendermos sua influência na recuperação dos fatos que ocorreram no passado das pessoas, ou seja, da história que elas mostram por meio da oralidade.

Segundo Grele (1995 apud FREITAS, 2006, p.17),

As pessoas sempre relataram suas histórias em conversas. Em todos os tempos, a história tem sido transmitida de boca a boca. Pais e filhos, mães para filhas, avós para netos; os anciãos do lugar para geração mais nova, mexeriqueiros para ouvidos ávidos, todos, a seu modo, contam sobre acontecimentos do passado, os interpretam, dão-lhes significado, mantêm viva a memória coletiva. Mesmo na nossa época de alfabetização generalizada e de grande penetração dos meios de comunicação, a real e secreta história da humanidade é contada em conversas e, a maioria das pessoas ainda forma seu entendimento básico do próprio passado, por meio de conversas com outros.

O autor relata que as pessoas, ao conversar com os outros sobre suas histórias, vão interpretando e dando significado a ela, ou seja, entendem os acontecimentos que no passado fizeram parte de sua vida recuperando assim, a importância destes. Neste sentido, Freitas (2006, p. 47) afirma que,

[...] é pela oportunidade de recuperar testemunhos relegados pela História que o registro de reminiscências orais se destaca, pois permite a documentação de pontos de vistas diferentes ou opostos sobre o mesmo fato, os quais, omitidos ou desprezados pelo discurso do poder, estariam condenados ao esquecimento.

Diante disso, podemos perceber que a história oral permite que o indivíduo testemunhe seu passado, documentando fatos que se diferem de acordo com pontos de vista

de cada um, fatos que sofrem omissão e desprezo pelas relações de poder, que podem ao poucos serem esquecidos.

Com isso “A História Oral fornece documentação para reconstruir o passado recente, pois o contemporâneo é também história. A História Oral legitima a história do presente, pois a história foi durante muito tempo, relegada ao passado” (FREITAS, 2006, p. 46)

A autora esclarece que “História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro das narrativas da experiência humana”. (FREITAS, 2006, p. 18). Esta pode ser utilizada como uma forma de pesquisar, em que pessoas são entrevistadas de modo que vão expressando suas emoções e contando suas experiências.

A história oral, segundo Freitas (2006), pode ser utilizada como fonte histórica que deve ter um armazenamento, uma conservação, cuja abordagem inicial deve ser por meio do objetivo preciso que se pretende pesquisar. O entrevistador não pode perder de vista o objetivo para que a entrevista forneça informações que sejam consistentes para sua pesquisa.

Meihy (2005, p. 75) argumenta que,

[...] na história oral busca-se o registro da experiência vivencial ou, em alguns casos, informações factuais. Com elas, constitui-se um documento objetivo que vale por si e, nesse caso, dispensa a análise, ou é equiparado a outros discursos ou documentos. O que emerge sempre, portanto, são as afirmações concretas; de fora ficam os esquecimentos, que, contudo, fazem parte da totalidade dos eventos.

Por meio da história oral as experiências ficam registradas, esse registro tem o valor de um documento objetivo. Considera-se, portanto, o que é lembrado, as afirmações concretas, os esquecimentos não são considerados. Ainda para Meihy (2005, p.81),

[...] a história oral, diferentemente das abordagens comuns à sociologia, se preocupa com as versões individuais sobre cada fenômeno e apenas se justifica em razão da soma de argumentos que caracterizam a experiência em conjunto. Afirma-se, pois que cada depoimento para a história oral tem peso autônomo, ainda que se explique cultural e socialmente.

Quando um indivíduo é participante da história Oral, sua versão é única, eles a faz de forma independente, influenciado pelo meio cultural e social em que está inserido, por isso suas experiências devem ser vistas de modo particular para ajudar a explicar o conjunto.

Meihy (2005, p. 84) diz que ao trabalhar com as questões de identidade, os pesquisadores de História Oral “[...] devem estar atentos para não juntar apenas as

semelhanças e afinidades internas dos grupos – atitude muito comum -, mas preocupar-se também com a diversidade entre eles.”

O autor considera que “[...] a identidade, é, portanto, um fator original redefinido mediante uma herança cultural submetida a situações desafiadoras” (MEIHY, 2005, p. 84). É imprescindível considerar a importância da identidade, pois ela desafia a pessoa a se comportar influenciado pela cultura que lhe foi deixada de herança.

Freitas (2006, p. 18) pondera que a história oral é de

[...] abrangência multidisciplinar, ela tem sido sistematicamente utilizada por diversas áreas das ciências humanas, a saber: História, Sociologia, Antropologia, Linguística, Psicologia, entre outras. O uso de fontes orais no trabalho historiográfico é cada vez mais comum.

A História Oral é uma temática abrangente, pois são utilizadas nas mais diversificadas áreas, podendo ser trabalhada pelo historiador, sociólogo, antropólogo, linguista, psicólogo e outras áreas afins. Sua utilidade está cada vez mais sendo expandida, e isso possibilita que diversas áreas possam estudar e explorar tal meio de se obter informações.

É interessante ressaltar que o pesquisador brasileiro se interessa pela abordagem da história oral, mesmo que sua teoria e metodologia ainda sofram uma escassez, que muitas vezes não sejam suficientes para suprir os anseios deste pesquisador. (FREITAS, 2006)

Para Freitas (2006) experiências ocorridas no Brasil em relação à história oral foram muito importantes, como exemplo: Museu da Imagem e do Som na cidade de São Paulo no ano de 1971, que se dedica a preservar a memória da cultura do país; Museu do Arquivo Histórico da Universidade Estadual de Londrina e Universidade Federal de Santa Catarina em que se procedeu a implantação da história oral e por último a mais importante de todas que é a do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Ainda para esta autora,

[...] indubitavelmente, o CPDOC é o melhor exemplo da bem-sucedida experiência com História Oral no Brasil, tanto pela qualidade de seu acervo, constituído principalmente de entrevistas com personalidades da história política contemporânea do país, quanto pela realização de comunicações, palestras e edições de obras sobre a teoria e metodologia da História Oral. (FREITAS, 2006, p. 31)

Sem sombra de dúvida, este centro de pesquisa tem muita importância para a História Oral, pois enriquece o contexto desta história, promovendo várias discussões acerca desta abordagem, e isso é algo imprescindível e enriquecedor.

Nesse sentido, vimos que a história oral contribui para documentar as experiências vividas no passado pelas pessoas, as quais por meio de entrevistas permitem que o entrevistado reviva suas experiências recuperando fatos e acontecimentos marcantes na sua vida.

2.2 História Oral e Memória: recuperando o passado

Levando em consideração a conceituação sobre a história oral apresentada no item anterior, considera-se necessário entender sua relação com a memória. Meihy (2005, p. 62) explica este vínculo, pois “memória, imaginação, representação e estratégias são bases que sustentam qualquer narrativa sobre o passado e o presente”.

De acordo com esse autor, “Toda narrativa tem um conteúdo de passado, contudo é preciso distinguir a memória individual da coletiva ou grupal. A memória pessoal é biológica e psicológica, enquanto a grupal é essencialmente cultural e transcendente” (MEIHY, 2005, p. 61).

A memória é o caminho que possibilita o exame social, por meio da falas existentes nas narrativas que contemplam o passado. Ela pode ser pessoal de caráter biológico, psicológico, histórico, social e grupal alicerçada na cultura.

Meihy (2005, p. 61) esclarece que:

O passado contido na memória é dinâmico como própria memória individual ou grupal. Enquanto a narrativa de memória não se consubstancia em um documento escrito, ela é mutável e sofre variações que vão desde a ênfase ou a entonação até os silêncios e disfarces.

Os acontecimentos do passado que ficam contidos na memória se apresentam de forma dinâmica, estando passível a mudanças e variando, pois permeiam entre passado e presente. Nesse sentido, Meihy (2005, p. 62) afirma:

[...] a história oral mantém um vínculo importante com a questão da memória, e vice-versa. A transposição das narrativas da memória para a história, a sociologia, a antropologia ou outra qualquer disciplina acadêmica, no entanto, se dá na capacidade de diálogo entre a memória, a mediação da história oral e a história ou suas correlatas irmãs.

Memória e História Oral se mantêm vinculadas, pois em qualquer área de estudo as narrativas são transpostas por meio da relação dialógica que alicerça todo o sentido da informação.

É errônea a ideia de confundir memória com história, pois de acordo com Meihy (2005, p. 63):

É a dinâmica da oralidade que separa a história da memória. É aí que se dá o papel da história oral como mediadora entre uma solução que se baseia em documentos escritos (história) e outra (memória) que se estrutura, quase que exclusivamente, apoiada na fluidez das transmissões orais.

Por meio da oralidade a história e a memória são separadas, e isso faz com que a história oral seja mediadora entre ambas.

Freitas (2006, p. 51) pondera que “[...] memória é o vivido e história é o elaborado. Através do resgate a memória se reconstrói o passado”. Aquilo que vivemos é a nossa memória e o que elaboramos dessa vivência se torna história, recuperando a memória, reconstruímos nosso passado.

Freitas (2006, p. 58) explica que

História é sinônimo de memória, havendo uma relação de fusão. Elas não se distinguem. A história se apodera da memória coletiva e a transcreve em palavras. É nesse momento que a história dá voz ao povo pela primeira vez.

Consideram-se como memórias “[...] as lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que se seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais”. (MEIYH, 2005, p. 63).

Momaday (s/d apud MEIYH, 2005, p. 61) salienta que “A memória qualifica a imaginação, dá-lhe uma estrada, um horizonte, atribui sentido aos fatos, e isso nos transforma em deuses criadores das verdades que queremos crer”. Ela permite que imaginemos que tenhamos um rumo a seguir, atribuindo sentido aos acontecimentos e assim poderemos nos transformar fazendo aquilo em que acreditamos.

Freitas (2006, p. 60) salienta que “[...] “as memórias dos fatos recentes, na grande maioria dos casos de demência, é a primeira a ser perdida, ao mesmo tempo que a memória de fatos do passado surge com precisão rigorosa de detalhes”. Ou seja, os fatos de passado mais antigo são abordados com mais clareza e objetividade. Para esta autora,

A seletividade e o esquecimento estão presentes no processo da memória. Do ponto de vista psicanalítico, o esquecimento não é visto como um fenômeno passivo ou uma simples deficiência do organismo. As lembranças que incomodam são expulsas da consciência, mas continuam atuando sobre o comportamento no inconsciente. Portanto, selecionar ou esquecer são manipulações conscientes ou inconscientes decorrentes de fatores diversos que afetam a memória individual. (FREITAS, 2006, p. 60)

Selecionar e esquecer são ações influenciadas por diversos fatores que tendem a embarçar a memória individual, são fatores que podem ser em relação ao ambiente e as vivências do indivíduo. Quando as lembranças incomodam elas são lançadas fora da consciência, porém ainda atuam sobre a maneira do inconsciente agir.

Nota-se que “[...] as pessoas idosas, ao relatar as suas experiências de vida, são de importância fundamental para a História Oral. Entretanto, as pessoas de idade mais avançadas estão sujeitas a deterioração do funcionamento do sistema nervoso central.” (FREITAS, 2006, p. 60)

Segundo Meihy (2005, p. 63)

Duas definições são necessárias para o entendimento do que se considera memória: a de cérebro e a de mente. Cérebro é a base orgânica, material e corpórea, biológica, que armazena individualmente as lembranças; mente é o conjunto de representações, de planos cognitivos articulados pelo acervo de lembranças guardadas no cérebro.

Quando se fala em memória, é preciso considerar que esta é definida pelo cérebro que é responsável pelo armazenamento individual das recordações e pela memória que representa o acervo de lembranças que estão armazenadas.

Meihy (2005, p. 75) afirma que “[...] a memória, contudo, é fundamental também para confirmar o presente, pois sem ela não podemos garantir as regras da vida social que se baseiam em repetições de atitudes definidas no passado”. É por meio das lembranças armazenadas na memória que confirmamos o presente, pois é ela quem nos dá a garantia das regras importantes para vivermos em sociedade.

Vê-se que “[...] em estado de oralidade, a memória é sempre dinâmica e mutável, sujeita às vicissitudes das circunstâncias. Sempre mudamos nossa forma de recordar e montamos esquemas narrativos dependentes de fatores externos a nós mesmos.” (MEIHY, 2005, p. 77)

Meihy (2005, p. 77) afirma que “[...] é preciso prestar bastante atenção ao estado oral da narrativa e cuidar das formas de transferência para o estado escrito. A dinâmica da narrativa perde seu efeito quando se torna documento grafado.” Sabendo que a narrativa tem caráter dinâmico, mas quando se torna grafia passa por mudança, assim é necessário todo cuidado quando for transformar oralidade para escrita, pois nesse processo temos que ser fiéis ao que coletamos do entrevistado, sem manipular a fala dele ou impor nosso ponto de vista.

Seguindo ainda as ideias de Meihy (2005) a memória é dividida em individual, social, cultural e coletiva. A memória individual dá sentido aos acontecimentos na sociedade; a social é aquela que reúne um grupo ao redor de alguns fatores; a cultural é a reunião das manifestações de pessoas que estabelecem sua visão sobre o mundo e “[...] mais do que a soma de memórias individuais, a memória coletiva é um fenômeno construído pela força de fatores externos que circunstanciam um determinado grupo, marcando sua história”. (MEIHY, 2005, p. 64)

Portanto, considerando as discussões apresentadas, podemos dizer que a memória e a história oral formam um elo que fortalece a recuperação do passado, colocando em evidência todos os subsídios necessários reviver e valorizar experiências passadas.

2.3 Conhecendo as etapas da realização da história oral

Nos itens anteriores tivemos a oportunidade de compreender o contexto da história oral, seu conceito, suas características e sua relação com a memória. Isso nos auxiliará neste item em que vamos conhecer as etapas de sua realização, para que de fato tenhamos consciência de como realizá-la de forma eficiente e eficaz.

Meihy (2005, p.107) define que a história oral tem quatro etapas principais: “1 elaboração do projeto; 2 gravação; 3 confecção do documento escrito; 4 eventual análise; e 5 devolução do produto”.

O momento da elaboração do projeto define critérios de como este irá se proceder, construindo assim um banco de dados literais ou transcrições. Em se tratando de depoimentos, utiliza-se a fita; havendo transcrição, seja qual for o documento, poderá ser em formato de texto escrito contendo a autorização do colaborador. (MEIHY, 2005)

Freitas (2006, p. 85) recomenda que a elaboração de um projeto deve iniciar

[...] definindo o tema e os propósitos da pesquisa. Ao eleger um tema, é importante que esse seja relevante para as questões históricas mais amplas [...] após a definição do tema, há que se definir o nome das pessoas a serem entrevistadas. A relação de nomes nunca é definitiva, pois muitas vezes, um depoente leva-nos a descoberta de outros; algumas vezes, a pessoa eleita pode declinar do nosso convite. Nessa modalidade de trabalho, corremos o risco de gravar memórias confusas e debilitadas, pois na velhice pode ocorrer nas pessoas o fenômeno da senilidade com perda ou descontrole da memória.

Quando se estiver elaborando o projeto de história oral em primeiro lugar deve-se definir a temática e os propósitos de serem pesquisados. A eleição de um tema deve ter

relevância para as questões históricas. Em seguida é preciso fazer a relação de nomes de pessoas que serão entrevistadas, relação esta que poderá sofrer modificações.

Para Freitas (2006) no projeto de história oral, para aprofundarmos de maneira satisfatória no objeto de estudo, iniciamos a etapa do estudo bibliográfico, investigando fontes primárias e secundárias. Para isso é preciso confeccionar fichas bibliográficas, biográficas e de cronologia para melhor desempenhar o trabalho. Ainda para esta autora,

Em um projeto de história oral deve-se sempre elaborar fichas bibliográficas a partir do currículo do entrevistado e também uma cronologia da trajetória, marcos significativos da pessoa e/ou assunto em questão. Obviamente, conhecendo o assunto, o entrevistador poderá sentir mais seguro na realização de uma entrevista. Além disso, o entrevistador estará lidando com a memória que, às vezes, pode ser vaga em relação a coisas que aconteceram e, por isso, o entrevistador pode e deve ajudar as pessoas a resgatar as suas memórias, principalmente quando for solicitado. (FREITAS, 2006, p. 87)

A elaboração das fichas biográficas é importante para conhecermos um pouco mais sobre o entrevistado, o que tornará a ação do entrevistador mais segura, pois admitindo que estará em contato com a memória que às vezes pode ser vaga, este último deverá servir de auxílio para a recuperação da memória. É importante ressaltar que numa entrevista “[...] o entrevistador não deve levar o entrevistado à exaustão, pois ele pode falar compulsivamente por várias horas ao rememorar o seu passado. Acredito que, uma entrevista não deva ter mais que duas horas de duração.” (FREITAS, 2006, p. 86)

De acordo com Meihy (2005, p. 110)

A memória individual, apesar de se explicar no contexto social, é aferida por meio de entrevistas nas quais o colaborador tenha liberdade para narrar. É preciso cuidado em relação às interferências presentes nas entrevistas, que podem existir ou não dependendo dos pressupostos estabelecidos no projeto. O mesmo deve ser estabelecido em relação aos estímulos, pois muitas vezes provocações podem motivar aspectos da lembrança que não emergiram com a naturalidade das recordações.

O autor insiste na ideia de que é preciso respeitar a memória individual e assim a liberdade de narrar do colaborador. Interferir e estimular no ato narração não é conveniente, pois “O eventual uso dos estímulos deve ser apresentado ao colaborador antes das entrevistas, pois eles alteram a naturalidade muitas vezes buscada”. (MEIHY, 2005, p. 110)

Freitas (2006) assevera que, todo projeto deve ter um roteiro geral para as entrevistas, pois todo entrevistador deve ter total entendimento da maneira mais eficaz de conduzir as entrevistas e as indagações mais primordiais a serem questionadas. Também para esta autora,

A aplicação dos roteiros nas entrevistas não é feita de forma rígida, uma vez que muitas questões vão surgindo naturalmente no discurso do depoente no transcurso da entrevista e, essas, às vezes, nos suscitam outras. Cada entrevista tem a sua própria dinâmica, e cada entrevistado mostra-nos diferentes interesses na abordagem de determinadas questões. (FREITAS, 2006, p. 89)

A pessoa que depõe às vezes pode falar coisas que não estão dentro do roteiro, pois a entrevista é dinâmica e cada entrevistado se interessa a seu modo. Isso “[...] resulta em um enriquecimento da pesquisa. Procuramos manter sempre o controle da entrevista no sentido de garantir as perguntas e/ou questões não abordadas pelo depoente”. (FREITAS, 2005, p. 90)

Outro item que procuramos em toda entrevista é, segundo Freitas (2005, p. 91):

[...] ter cuidado de não interferir na fala e nunca fazer nenhum juízo de valor. Ou seja, ouvimos experiências e interpretações e em nenhum momento a nossa opinião pessoal sobre determinada questão é colocada. A nossa preocupação – e da história oral – é garantir a visão de mundo, as ideias, os sonhos e as crenças dos depoentes. Nessa narrativa, a imaginação se mistura com a realidade.

Da parte do entrevistador não cabe à interferência e nem o julgamento, sua função é ouvir sempre, garantindo que o depoente exponha seu modo de ver o mundo, suas ideias, suas esperanças, misturando assim o que imagina e o que é real. A história oral na concepção de Freitas (2005, p. 93) tem uma regra básica de que:

[...] nunca devemos interromper uma fala e nunca devemos demonstrar desinteresse. Se o entrevistado se distanciar muito da questão em pauta devemos aproveitar uma pausa e com muito tato dizer: “isto é muito interessante, mas...”. Dependendo do jeito que interpretamos um assunto, poderemos reprimir o depoente e não conseguimos o que realmente queremos ouvir. Aliás, saber ouvir as pessoas é uma característica fundamental do pesquisador, que utiliza a história oral como instrumento em sua pesquisa.

O entrevistador deve dar liberdade para a fala do depoente, tendo assim interesse em ouvir. Se a fala fugir do foco é preciso agir com naturalidade e não reprimir, pois o seu dever é saber ouvir e trocar experiência com o entrevistado, pois em conformidade com Freitas (2006, p. 92):

Uma entrevista é uma troca de experiência entre duas pessoas. É uma relação que se estabelece entre pessoas com experiências, formação e interesses diferentes. São pessoas que, apesar de pertencerem a diversas faixas etárias e diferentes condições socioeconômicas e culturais, estarão dialogando e interagindo sobre uma mesma questão.

No ato da entrevista o entrevistador e o entrevistado trocam experiências, cada qual a sua maneira, pois tem um contexto histórico diferente, mesmo assim dialogam e interagem numa mesma temática. O intuito e a sensibilidade do entrevistador quando se alia às experiências de escuta “[...] ainda constituem os melhores instrumentos de que dispomos para nossa finalidade de registrar narrativas orais, que tornam-se evidências e dão sustentação à memória histórica.” (FREITAS , 2006, p. 92)

Nessa mesma linha de pensamento Meihy (2005, p. 122) defende que:

A história oral, de um modo geral, é um campo no qual, independentemente das várias tradições disciplinares, diferentes linhas de trabalho tem encontrado um território para um desejável diálogo sobre maneiras de abordagem das entrevistas e para a troca de experiências. Nesse contexto, torna-se importante a questão da autoria.

A História Oral é uma área interdisciplinar que desencadeia uma relação dialógica nas entrevistas que dão origem a troca de experiências; que podem “[...] abrigar possibilidade de enganos, mentiras, distorções e variações dos fatos registrados e conferidos por outros documentos”. (MEIHY, 2005, p. 126)

Podemos perceber que a elaboração de um projeto de História Oral conduz a caminhos que requerem do entrevistador planejamento, além de uma postura segura, conscientizada, compromissada e sensível. É preciso ter argumentos, pesquisar teorias, conhecer o entrevistado e procurar não interferir na narrativa.

Segundo Freitas (2006), torna-se necessário que estudos e reflexões acerca da temática História Oral e sua etapa de realização sejam cada vez mais frequentes e profundos, de modo que a Pedagogia, a Sociologia, a Antropologia, a História, e outras áreas afins, qualifiquem seus profissionais com eficiência e compromisso. Dessa maneira, quando desenvolvidos os projetos de história oral, estes atendão as expectativas tanto do entrevistador como do entrevistado.

3 BRINCADEIRAS DE IDOSOS DE PARANAÍBA

Vimos nos capítulos anteriores a importância da recuperação das cantigas de rodas e brincadeiras na vida do indivíduo, voltado para seu desenvolvimento, interação e socialização. Tal recuperação tem possibilidade de ser efetuada por meio da história oral que oportuniza navegar em momentos que ficaram marcados na memória, transpondo-os para outras pessoas e assim compartilhando conhecimento, cultura e tradição.

3.1 Levantamento histórico do Asilo Santo Agostinho de Paranaíba-MS

Para realizar esta parte da pesquisa recorreremos aos idosos do Asilo Santo Agostinho, localizado na cidade de Paranaíba – MS e que abriga idosos por motivos diversos. Neste local os representantes e pessoas que ali trabalham se mostram muito atenciosos não só com os idosos, mas também com os visitantes.

O denominado Lar dos idosos Santo Agostinho foi fundado em 1976 pelo senhor João Rodrigues Ferreira, em uma humilde residência com o intuito de proteger os idosos desamparados. Atualmente tem 46 moradores em uma estrutura mais apropriada para atender as necessidades dos residentes.

O que nos levou a realizar as entrevistas para o lar dos idosos foi que durante as pesquisas de autores que falam sobre as cantigas de roda, no contexto social e escolar nos deparamos com o artigo dos autores Campos e Gil (2008) intitulado “Meninas de Sinhá” a Reinvenção da Vida nas Tramas do Discurso Musical e do livro da Ecléia Bosi (1994) “Memórias de Velhos”.

A partir das leituras nos interessamos em fazer levantamentos das cantigas e brincadeiras cantadas tentando recuperar brincadeiras passadas por meio da memória desses idosos. O primeiro contato que tivemos foi com Nelma Maria Franco de Queiroz Gonzales que faz parte da comissão que dirige o lar, ela pediu que procurássemos o Sr. Laerte Nunes Dias, que é gerente da casa. Quando chegamos lá ele já havia selecionado quatro idosos para as entrevistas, sendo que um não compareceu. Devido a resistência de ser entrevistado alguns deles não contribuíram o suficiente para a entrevista, assim fomos conhecer o local e ao mesmo tempo encontramos outros idosos que se mostraram mais satisfeitos em contribuir para a pesquisa, respondendo com riqueza de detalhes as perguntas que nós fazíamos.

A expectativa de fazermos as entrevistas no lar era de localizarmos o maior número de idosos que pudessem falar das cantigas de rodas que eles cantavam na infância com o intento de recuperar tais cantigas.

Considerando que esta pesquisa necessita da riqueza de detalhes de acordo com o seu objetivo, e sabendo que somente no lar não era suficiente para atender a este objetivo, entrevistamos idosos fora desse local que contribuíram consideravelmente para este trabalho.

Assim, falar sobre os idosos é de extrema importância, e já vem sendo discutido em vários trabalhos, a exemplo do desenvolvido por Maria Jacira da Costa no curso de Pedagogia da UEMS intitulado “O Idoso na sociedade contemporânea: memória e letramento”.

3.2 Entrevistas com os Idosos e as referências das brincadeiras e cantigas da infância

A seguir transcreveremos as entrevistas realizadas com idosos residentes no Lar dos idosos Santo Agostinho e seu modo de recordar das cantigas de roda e brincadeiras que fizeram parte de sua infância e que deveriam estar presentes nos dias atuais com a mesma intensidade e proporção. Os Idosos de um a três são os que fazem parte do lar e os de quatro a sete fazem parte de uma escolha aleatória. Desse modo, procuraremos relacionar aspectos apresentados pela teoria estudada com os relatos dos idosos para melhor explicar nosso objeto de estudo.

1- Sr Joaquim Carvalho dos Santos. Um ééé [...] oitenta e cinco anos completei dia 1 de setembro agora, morei no interior mais não lembro mais o lugar certo né? Primeiramente quando eu vim pra cá estado de São Paulo, depois Barra do Penápolis interior trabaei na roça lá. E: Quando o senhor era criança o senhor brincava? Sempre, brincadeira de menino e menina, mais que gostava de brincar era de jogar bola né?, quando, já é adulto brincava de lenço atrás, onde ta o lenço, ta com fulano. E: passa anel? quando era menino eu participava/ de passar anel, / brincava de correr atrás né?, pegar o outro brincadeira né?, cadeirinha de roda alembra? (faz gesto) Carregar o outro né?[...] A brincadeira de agora é muito diferente, antes era de esconder, passa anel, peteca./ A senhora sabe que é peteca? Corre de lá pra cá e fica no meio, aquele que fica no meio é bobo se deixar a peteca cair né?/. A menina brincava pro um lado e os meninos pra outro/. Não mais agora, como que fala, é que minha ideia tá ruim.

O idoso entrevistado acima se lembra de muitas brincadeiras que faziam parte de sua infância, é possível perceber a diversidade delas, dentre elas a de correr, muitas destas brincadeiras foram esquecidas no tempo, porém marcaram, ainda estão presentes na memória deste idoso e a brincadeira de peteca é uma delas. Conforme Dell Priore (2008, p. 238)

A peteca que, para alguns autores, tem suas origens nas tribos brasileiras, feita de uma base de palha ou couro recheada com areia e na qual são enfiadas penas de

aves, é brinquedo que favorece a diversão e o exercício, como a bola, sendo apreciada também pelos adultos. Na verdade, a história da peteca remete-a a China, Japão e Coréia de dois mil anos atrás.

2 - João Batista dos Santos, pela a minha contagem é sessenta e dois anos, mais acho que tem mais sou de 1.944. E: O senhor se lembra onde morou na infância? Eu me lembro numa fazenda município Rio Bilhante, fazenda Belas Artes, aqui no Mato Grosso do Sul memo rumo de Dourados pra lá.E: na sua infância nesta fazenda o senhor lembra das brincadeiras que fazia com seus irmãos? Eu a lembro que lá tinha máquina de arroz muito grande, tinha mais de mil saco de arroz lá pa limpa. Tem um monte de paia que da artura dessa casa ai, oia, (mostra o prédio do asilo) e eu brincava com eles de muntar neles né?Como eu era o maio eu muntava neles na marra e fazia carrega muntado a cavalo (risos). 12 irmãos. Brincava de cavalo de pau cum cabo de bassora era nosso cavalo marava um barbante num pra pegar feito de rédia né?Ajuntava aquelas foia amarela que tava marelando pa seca, aquilo lá é nosso dinheiro, tinha pacotão assim (faz gesto mostrando) . Marrava um barbante nela falava que é o lástico. Um pagava o outro: falava me da tanto, tome pago (risos). E: E o senhor lembra de alguma música que vocês cantavam quando eram crianças? (começou cantar)

Ciranda cirandinha
vamos todos ciranda
vamos da vorta meia,
meia vorta vamos dar.

Nóis fazia a roda. Minha irmã ensinava mais veia, ensinava nós a cantar o Ciranda, cirandinha, foi. E: qual dessas brincadeiras que o senhor mais gostava? Era o pacoti de dinheiro, e anda no cavalinho de pau. E: Menino e meninas brincavam junto?: Só naquele lugar de tomar banho, uma mina muito boa, só que os home não tomava banho junto com as muié não, era separado. Não Muié com home não, brincar junto podia, todo mundo com respeito, fazia a roda dava as mão, (começou rir) porque minha era a mais veia tamém. E: Qual lugar mais comum que vocês brincavam ? Só no terrero memo. E o senhor passou essas brincadeiras para Alguém ?Não [...], (demonstra tristeza). E: Sr. João o senhor foi à escola? Fui na fazenda, sempre tinha um professo mais sabido sabia ler ensinava né? E: E o senhor estudou até que ano? Até o segundo ano, pouquinho de mais né? E: Mais o senhor aprendeu a ler? Um pouquinho só assinar o nome. E: Sr João o senhor acha que as crianças de hoje brincam como antes? oh hoje em dia as criança é mais sabida, só negócio de computado não é? eles é sabido. Não, hoje a pessoa já tem de cinco anos pra lá já é no computador, né? E: o que o sentia ao brincar, a emoção que o senhor sentia? Era boa que eu mutava nus outos e eles me carregava muntadas neles em cima do montão de paia de arroiz.

Na transcrição acima vê-se que o idoso tem uma lembrança elaborada de sua infância, esta que vinha acompanhada de brincadeiras, inventava-se objetos para fazer de brinquedo, contando ainda com a existência das brincadeiras de roda, porém, a que este participante conseguiu lembrar foi somente da ciranda-cirandinha, o que mostra o quanto ela fez parte de sua infância.

3- Yaponir Correa de Castro, oitenta e dois anos. E: onde a senhora morou na infância? Em Minas, Frutal .E: na infância a senhora brincava? Brincava [...] buneca de pano.E: E quem ensinou a senhora a Brincar? Minha mãe, é fazia as buneca de pano pra nós. Não tinha buneca comprada!Além das bonecas de pano tinha outras brincadeiras D. Yaponir? Tinha nós brincava de[...] fogãozinho, di faze comidinha. Arrumava umas latinha, aqueza latinha de tumati pequena, e fazia cumidinha ali. E: a senhora tinha quantos irmãos? Doze. E: Vocês brincava de algum tipo de brincadeira cantada? Cantada brincava e rodinha.E: a senhora lembra de alguma ? num lembro, disso num lembro, eu num lembro de música nenhuma. E: qual dessas

brincadeiras que a senhora mais gostava? Eu gostava mais era de boneca[...] Faze fogãozinho de latinha pra nós cumê, nós cumia. Uai! nós fazia arroz e macarrão. E: a senhora foi á escola? Na fazenda, E: até que serie a senhoa estudou? Foi só uns tempinho,acho que foi só uns seis meise na fazenda e só [...] E: meninos e meninas podiam brincar juntos ? Só os ermão .E: qual que era o lugar que asenhora mais gostava de brincar? Luga,óia eu gostava mais de binca. Minha mãe, não tinha boneca comprada, é a mamãe que fazia a boneca de pano, custurava, cortava e depois enchia assim de pano, picava a perna e ai fazia a cabeça e pregava aqui(faz gesto mostrando onde costurava) na mão. E: a senhora passou essas brincadeiras para os seus filhos, netos ? Não. E: A senhora acha que as crianças de hoje brincam como antigamente? Não, elas que é boneca comprada né? O que asenhora sentia ao brincar?Ah gente logo vai ficando mocinha e não queria nem brinca mais, queria era namorar, dança. E: Cantigas de ninar?:

Boi, boi, boi.

Boi da cara preta

Vem pegar essa menina

Que tem medo de careta.

A idosa citada antes brincava de faz de conta e de boneca, brincadeiras estas muito significativas na infância. Pode-se notar a lembrança ainda presente na memória dela a cantiga de ninar que certamente ouvia seus familiares cantarem para ela ou para outros. A seguir passaremos a apresentar as entrevistas concedidas por idosos contatados fora do lar Santo Agostinhos

4- Maria Ferreira de Brito, sessenta e seis anos. Morei na fazenda lá em [...] perto de Cassilândia. Sou da região memo, nascida e criada lá./Nóis brincava de muitas, muitos brincadeira. E: quem ensinou a senhora brincar? Óia aquilo lá foi os meus primos que era [...] minhas primas que era mais veinha do que nós é que nós brincava com elas/. Aí eu aprendi com elas/. Nóis brincava de Cirandinha de é [...] outo de Esconde, Esconde./ Olha eu sei só um pedacinho só. Era:

Ciranda cirandinha.

Vamo todo cirandá.

Vamo dá a meia volta.

Volta e meia vamo dá [...] e oto isquici.

E: a senhora se lembra de mais alguma cantiga? Lembro da [...], a agora esqueci o nome daquele trem.

Ééé: Pombinha Branca Pombinha branca que tá fazeno.

Lavano roupa pro o casamento.

Vou me lavá vou me banhar, [...] iii agora o outo esqueci já di novo(começou a rir), nós brincava muito de esconde, esconde.E: qual dessas brincadeiras a senhora gostava mais? Era a de roda, cirandinha memo que era de faze a roda e cantá e dava as mão. E eu gostava .E: Meninos e meninas podiam brincar juntos? Não, meu pai era muito enjoado nois muié brincava separado,porque ce sabe que menino home é mais estúpido pra brincá junto com as mué/Brincava separado. E: em que lugar que vocês brincavam? Nóis, brincava na porta da sala do terreiro da sala que era grandão limpim, né?./E: a senhara passou essas brincadeiras para quem? Óia, passei pros fio e agora tô passano pra esse netin aí né (kkkkkk)./ Hoje eu canto tiro o pau no gato né, Luiz Fernando (risos).? (aponta para o neto) e começa a cantar:

Atirei o pau no gato,to,to

Mais o gato não morreu

Dona Chica, ca, ca,

Admiro do miado que o gato deu.

A gente esquece menina. [...] / E: Dona Maria as crianças de hoje ainda Brincam como antes ? Olha na escola brinca, mais em casa não brinca mais não, esse negócio de celulare e televisão acabou com as brincadeira das crianças. Os da fazenda, da fazenda não tem tanta invocação com as coisas assim. E: como a senhora se sentia ao brincar? Óia, a gente sentia bem menina porque as coisas de primeiro era tudo mais, [...] sim parece que era, hoje tá mais fácil, mais di primeiro, pra gente que morava na fazenda, pra viver era mais fácil. Porque não tinha tanta violência iguali hoje tem né, hoje tem violência demais. Hoje você não pode deixar criança fora do seu portão que é perigoso/. É [...] uai hoje até eles tem que ficar mei preso. Pode não.

Podemos observar que esta idosa teve uma infância alicerçada no universo do brincar. Muitas cantigas e brincadeiras fizeram parte de suas lembranças e puderam ser passadas em sua família, pois as ensinou para seu neto. Esta entrevistada percebe que faz falta a existência dessas brincadeiras no mundo atual.

5 Jerônima Fausta da Silva, Sessenta e seis anos, E: a senhora lembra onde morou na infância? Me lembro, na fazenda da Lontra município de Paranaíba. Eu sou aqui de Paranaíba, nascida e criada aqui [...] E: Que ensinou a senhora a brincar? Ah era, eu e a minhas amiga, das mulher eu sou a mais veia. E: e a mãe da senhora? A mãe também era o que ela ensinava era essas brincadeira mesmo às vezes ela brincava junto com nós né? Eu brincava mais com a nossas amigas. E: De que a senhora brincava? De roda né? E: a senhora realisava alguma brincadeira cantada como as cantigas de roda, cantigas de ninar? (humhum) tinha aquela roda da bandeira branca né? Às meninas pegava tudim na mão uma da outra e os menino tamém e fechava uma roda bem grande, as colega tudo né? E aí cantava e aí quandi terminava a musga uma entrava na roda e dizia um verso e sai da roda né? Aí cantava dinovo, a outra entrava e ia até passar por todas. E: a senhora pode cantar um pedaço para mim como era essa brincadeira? (Humhum) da Brandeira Branca, era assim, então fazia a roda né? E nós cantava, todo mundo junto pra entrosa.

Pinerô bandeira, pinerô no ar

Pinerô brandera branca querer bem saber amar

Senhora D. Maria fa favô entrar na roda

Diga um verso bem bunito diga a Deus e vai simbora. (Dá um exemplo) ai ela entrava então,

pro exemplo a Iracema gostava desse verso, que ela gostava do rapaz né? (Verso cantado)

1º) Quem quiser saber meu nome

Dá uma vorta na Bahia

O meu nome tá escrito na gravata do Josia. Porque o rapaz chamava Josia (risos)

E: e a senhora não tinha nem um que a senhora gostava não? Não ééé (risos), tinha sim, eu gostava de um rapaz ele foi meu primeiro namorado eu cantava assim:

2º) Os seus denti são de prata

Seu sorriso encantador

Foru os meus livros de escola na facudade do amor (risos)

Aí eu saia da roda e assim passa por todas. E: qual dessas brincadeiras que a senhora mais gostava e por quê? É porque era divertido né? E: e qual que a senhora mais gostava? Era dessas brincadeira de roda porque todo mundo cantava, era assim [...] tão estressante (desistressante) , era as noite assim de lua clarinha nós brincava até tarde. E: e meninos e meninas podiam brinca juntos? Todos. É os meninos trocava os versinhos com as menina as menina com os menino né? Respondia. E: com quem que a senhora aprendeu a cantar? Ah, minha mãe gostava demias de cantar com nós. E: a senhora lembra de alguma música da mãe? Várias. E: então canta uma.

Que ela cantava muito com nós tinha aquela assim muito antiga, tempo dela né, tinha uma que nós gostava e ela cantava assim:

Nasci em Ri Grande, criei em Faxina
 Eu lá tive escola, aprendi disciplina
 Prendi querer bem coração que me estima
 Eu quero bem vós que vós lhi imagina
 Intera saudade água cristalina
 Aonde nasceu formosas menina
 Rainha de todas que são Rosalina (risos)

Ah! a ela cantava a... é musga dos antigos ela gostava né? E: a senhora ensinou tais brincadeiras para os seus filhos? Quando meus filhos era pequeno nós morava na fazenda a gente cantava muito com eles, brincava né?, ensinava muito, eles brincava um pouco. Brincava muito a gente cabava brincando no meio delis [...] E: na opinião de senhora as crianças de hoje brincam como antigamente? De jeito nenhum! De jeito nenhum! E: Não! Por quê dona Geronima? Sei lá é tudo diferente as brincadeiras delis são tudo diferente/ nós tinha aquela brincadeira passa anel, Ah! hoje em dia não tem a gente não vê mais essa brincadeira, de passa anel. Sentava tudo, numa mesa e ali ia passando o anel um num outro. E: como era essa brincadeira de passar o anel? Aí a gente pegava um anel e punha dentro da mão (mostra a mão), todo mundo com a mão posta lá né? A gente vinha passando aquele anel de um por um, e largava aquele anel ali no meio, até chegar lá no fim e aí percurava pro outro com quem tava aquele anel, aí tinha que divinhá. Aí aquele que divinhasse é que ia passar os anel, e aquilo a gente ia até tarde brincando de passar anel.

E: e cai no posso a senhora brincava? Muito! E: e como era o cai no posso? aí a gente acho que pegava um na mão do outro e aquele mais de traisi caia cai sentado né, falava cai no poço. Quem que tira? É o fulano só se for já daí a gente já fazia aquele cordanzanzinho e saia arrastando aquilo (risos) pra tirar do posso, aquilo era uma farra cai no posso, quem tira? E: o que a senhora sentia ao brincar e cantar tais brincadeiras? A gente ali a (risos) esquecia do mundo né, ali a gente tava tão assim estressante né, a gente não lembrava de nada, só queria brincar era muita felicidade, era bom demais. E: a senhora foi à escola? eu fiz até o ensino médio, quando eu era bem jovem eu fiz até a oitava e depois que eu voltei e terminei o ensino médio, quando agente fazia o primário até a quarta serie nois brincou muito, era muito divertido todo mundo cantava pra entrar na sala de aula. Tinha aquele assim, na hora de entrar então as professoras colocava nois tudo de fila. A fila do menino homem de um lado as das menina mulher do outro. Era duas professora a feminina a masculina as classe era separada e ai nois cantava, podia brincar juntos, mas as escolas era separada, a sala era no grupinho Maria Salomé, então era a sala masculina e feminina.

Nois cantava assim:

Machamos companheiro
 Crianças dos meu Brasil
 Machamos voz da infância
 Esperança do meu Brasil
 Unido sempre forte sob esse véu de anil
 Machamos a voz da infância
 Esperança do Brasil

Tinha aquela outra musguinha assim também que nós cantava:

O Cravo brigou com Rosa
 Dibaixo da nossa iscada
 O cravo saiu Ferido e a Rosa despedaçada

Que nós cantava ela pra nós entrar na sala.

É importante notar que a entrevistada acima demonstra uma memória, exemplar sobre suas brincadeiras na infância, sua motivação era notável ao recordar de seu passado repleto de

brincadeiras e cantigas variadas, que lhes serviam de entretenimento. Suas recordações estão muito vivas em sua memória, memória esta que ao que se vê a traz muitas felicidades.

6- Dona Maria da Cruz, sessenta anos. Onde a senhora morou na infância? No bairro Salomé. E: dona Maria na sua infância a senhora brincava ? Brincava muito! E: a senhora lembra quem ensinou a senhora a brincar? De roda? Foi minhas professoras né. E: a senhora não tinha uma irmã, uma prima que ensinou a senhora a brincar? Tinha meu irmão, meu irmão todas as noite a gente juntava e brincava de roda. E: a senhora lembra de alguma cantiga que ele cantava? Lembro, lembro sim. Nós cantava muito uma que falava assim, uma musiquinha pequena, mais muito gostosa, nois cantava cada um cantava uma, então eu cantava uma que falava assim :

De chapéu na cabeça um lencim de cor
Uma calça comprida na mão uma flor
De vestido de chita com saia balão
Uma flor na cintura lencinho na mão
Forum todos pra sala eu quero dança
Onde estar a menina que vai se o meu par
Tralalá,lá,lá,lá,lá,lá,lá,lá,láaaaa.
Tralalá,lá,lá,lá,lá,lá,lá,lá,lá,láaaaa.

E: dona Maria essa cantiga vocês davam as mãos? E brincava, cada um cantava e brincava de roda.E: e alguém ficava no meio? Ficava sempre um ou duas crianças ficava no meio da roda. E: a que ficava no meio fazia o que, explica para mim como era essa rida? Então aquela criança do meio escolhia um da roda pra cantar com ela e ai a gente ia um por um cada um tinha uma cantiga pra cantar diferente. E: e cantigas de ninar a senha lembra de alguma? Eu lembro, uma que falava assim:

Batatinha quando nasce
Esparrama pelo chão
Bebezinho quando dormi
Põe a mão no coração.

E: quem cantava essa cantiga para a senhora? Minha mãe, minha mãe cantava muito. E: então a senhora lembra que ela cantava essa cantiga? Lembro porque nois era tudo criança então a noite a gente juntava tudo ai ela ia cantar pra gente. E: qual dessas brincadeiras que a senhora mais gostava? O que eu mais gostava? Era diii (tempo) casamento de japonês, nois brincava diii nomoro ou amizade/ (gargalhada). Como era esse Casamento de Japonês essa eu não lembro? então era assim a gente fazia aquela roda né então o chefe da casa ou que seja meu padrim no caso que ele que gostava das brincadeira, a gente passava anel e escolhia com quem ficava aquele casal,ai ele falava levanta o noivo e a noiva e a gente levantava e dava uma voltinha, continuava passando pros próximos i saindo. Meu padrinho é que fazia a roda. E: a senhora disse meu padrinho ele era criança? Ele era o adulto, ele que determinava, toda a noite a gente morava numa fazenda aqui no Figueira (região de Paranaíba) e ai então tinha culto evangélico o senhor chamava nós pra participar do culto/ ele falava eu vou mais depois nós vamo brinca de roda e assim a gente fazia todo final de semana.E: meninos e meninas podiam brincar juntos? Pudia, antigamente, a gente podia, brincava com muito respeito, mais era todos juntos.E: qual o local mas comum que vocês brincavam? Cada dia a gente brincava numa casa a noite todo dia a noite juntava o final tarde gente chegava da roça e ai meu padrinho juntava e a gente ficava até tarde.E: a senhora ensinou tais brincadeiras para outras pessoas como, filhos, netos? É então eu até cantava também pro meus netos, pra minhas filhas, meus filhos eu tenho um casal de filho eu sempre cantava pra eles dormir. Toda noite eu cantava a da batatinha. E: Na opinião da senhora as crianças de hoje brincam como antigamente? Ah, não! Hoje eu acho que é totalmente diferente, de quando agente brincava, não hoje a gente vê pouco né porque hoje são diferente até porque na escola hoje mudou muito, naquela época não tinha essas Ceinfs, essas creches, que são tudo diferente até eu acho melhor pra educação porque são todo

separado. E: mas nas brincadeiras a senhora achava que as crianças eram mais livres do que hoje? É porque a gente é muito inocente naquele tempo não tinha essas coisas que tem hoje internet, nada era tudo diferente, ou brincava de roda ou ia dormir, não tinha outra opção, não tinha televisão. E: o que a senhora sentia ao brincar? A gente sentia que passava o tempo, que era muito bom muito gostoso né então passava o tempo. E: dona Maria a senhora lembra-se de mais cantigas? Eu me lembro mais agora me fugiu da memória, mas eu lembro sim de varias nois jogava verso. A senhora pode jogar um para mim? Então nós falava comé que é?

La em cima daquela serra
Passa boi passa boiada
Também passa moreninho
Do cabelo cachiado. (risos) nois jogava muito versos pos moço pa conquista né, nois precisava conquista quando aparecia um namorado meu pai cantava assim:

Aqui nesta fazenda existe quatro rapaz
Chique, chique pé de lodo.
Alisa banco e gasta gás (risadas) aquele que não gostava já vazava né (risos) era mesmo o pai corria com nossos namorado todim, minana do céu/

O depoimento acima é rico em lembranças que revelam uma infância alicerçada nas cantigas e brincadeiras de roda e entre outras tantas que eram freqüentes naquele tempo e que hoje quase não se vê, devido às mudanças que a sociedade atravessa.

7 Maria Ribeiro Arantes, cinquenta e oito anos. E: onde a senhora morou na infância? Eu morei em minas perto de São Sebastião e estado de São Paulo. E: na infância da senhora a senhora lembra se a senhora brincava? Lembro. E: Que tipos de brincadeiras? Ah! A gente brincava de barata, correria atrás um do outro quando, colocasse a mão um no outro ai aquele já passava apegar outro. Entendeu com que é? É uma brincadeira chamava barata. Vamos brincava de barata? As criança falava. E outra brincadeira a gente brincava de roda, Ciranda, Cirandinha. Eu Lembro, não sei se lembro de tudo, mais era sim:

Ciranda cirandinha
Vamos todos cirandar
Vamos dar a volta a melha a volta e
Volte e meia vamos da
O anel que tu me deste
Era vidro e se quebrou
Amizade que nós tinha era livre e se acabou.

E: dona Maria que ensinou a senhora a brincar? Ah nas escolas com as própria criança. E: e sua mãe cantava? A minha mãe é italiana, ela já faleceu mas é italiana e ela, a a, as cantigas dela era mais diferente né, só que di brincadeira só que a gente não entendia muito bem, não lembro porque as palavra as era outra, ai ela cantava do jeito que ela era acostumada a canta mais em italiano, ai nois nunca guardou na cabeça. E: e onde a senhora realizava essas brincadeiras cantadas? Há na casa da colega né, no terreiro de casa porque a gente morava sempre em fazenda. E: qual dessas brincadeiras a senhora mais gostava e por quê? Ah, eu gostava muito de brinca de casinha também, mais de casinha do que de, de brinca assim de corre de brincar de Roda. E: Vocês tinham bonecas? Não fazia sabugo, pegava o sabugo depois de tirar o milho ai fazia, dobrava um paninho fazia à carinha, pintava, ai enrolava um paninho e fazia os bracim, era tão bunintinho. E: a criança criava seu próprio brinquedo? (Hunhum) criava o próprio brinquedo. Meninos e meninas podiam brincar juntos nessa época? Brincava. E: A senhora ensinou essa brincadeira para seus filhos? Ensinei, ensinei porque quando elas eram bem pequenininha ainda, ai eu sempre pegava na mãos delas, uma pegava na manzinha da outra e eu cantava com elas. E: A senhora lembra-se de outra cantiga além da Ciranda Cirandinha?

Não, eu só lembro dum não sei só não lembro assim se era uma cantiga de Roda do que, que era né, mais eu lembro duma. Eu acho que foi mais da escola. Ela é, uma, uma cantiga assim:

O bom menino não faz xixi na cama.
 O bom menino vai sempre à escola
 O bom menino respeita os mais velhos
 O bom menino [...].

Ai, eu, ai então eu já esqueci um pedaço, mais é muito bonita, ela é bem compridinha, essa já veio da escola. E: na opinião da senhora as crianças hoje brincam como antigamente? Não, eu acho só quando ta na creche né? E: a senhora acha que mudou as brincadeiras? Mudou bastante. E: hoje a senhora acha que essas crianças brincam mais de que? Música né, vê historinha, computador é whatszap né essas coisas. Eu tenho uma netinha com quato ano já mexe em tudo no celular, liga até pra mim aqui. (risos)

A idosa revela que se lembra de muitas brincadeiras que eram comuns naquela época, porém das cantigas de roda ela tem pouca lembrança. Ela considera que ontem as crianças mais do que hoje, já que hoje elas estão muito ocupadas com os avanços e recursos tecnológicos.

Os idosos citados lembram muito das brincadeiras e cantigas de roda que fizeram parte de sua infância, isso é muito importante, pois “[...] na memória de quem foi criança e viveu de brincar, estão bem arquivados os momentos de uma infância feliz e as brincadeiras e os brinquedos tradicionais renascem a cada dia, dando novas oportunidades àqueles que começam a descobrir o mundo.” (DELL PRIORE, 2008, p. 256)

É pertinente ressaltar que todas estas atividades faz com que a criança manifeste suas emoções, estabelecendo ligações com a sociedade, descobrindo sua capacidade escolha, decidindo e participando. (DELL PRIORE, 2008, p. 254)

Os idosos entrevistados pode-se dizer têm uma memória útil que segundo Delgado (2006 Apud COSTA 2011), é importante para todos ao seu redor, pois é relembando acontecimentos passados, com detalhes, é que eles cumprem um essencial papel ao meio ao seu redor. Eles são dotados de conhecimento e saber alicerçados nas experiências vividas.

Assim, podemos destacar a importância dos depoimentos desses idosos na preparação deste trabalho, pois suas experiências na infância em relação às cantigas de roda e brincadeira nos deram elementos para compreender o papel das cantigas de roda a infância deles.

3.3 Cantigas de Roda e brincadeiras mencionadas pelos os entrevistados

Neste tópico serão mencionadas algumas cantigas de rodas que foram relatadas pelos entrevistados, elucidando a maneira que as mesmas eram realizadas.

Ciranda-cirandinha é uma cantiga de roda tradicional e simples de ser realizada. A cantiga e brincadeira consiste em, realizar uma roda, dar as mão e cantar a música, “Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar, vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar. O anel que tu me destes era vidro e se quebrou, o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou. Por isso fulana de tal entre dentro dessa roda, diga um verso bem bonito, diga adeus e vá-se embora!”

Outra brincadeira que está na memória dos idosos é o passa anel que era realizada da seguinte maneira: com as duas palmas das mãos unidas, uma das crianças segura um anel. As demais ficam sentadas em um banco, uma ao lado da outra, com os braços estendidos e as mãos na mesma posição. A criança que está com o anel passa suas mãos por dentro das mãos das outras e deixa o objeto com um dos participantes, sem que os outros percebam. Depois de mostrar as mãos vazias, ela pergunta a alguém com quem está o anel. Se a pessoa acertar, vira o passador de anel. Se não, a brincadeira segue com o mesmo passador até que alguém acerte. A cantiga está logo abaixo.

Essas catíngas e brincadeiras acima mencionadas foram destaques, fizeram parte da infância da maioria dos idosos que foram entrevistados, são cantíngas de rodas e brincadeiras tradicionais, que requer um procedimento específico para ser realizado. E os idosos relataram com riquezas de detalhes a maneira que as brincadeiras e cantíngas eram feitas. Trazendo as mesmo satisfação e alegria quando tinham a oportunidade de realizá-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos no decorrer deste trabalho, a importância de se recuperar as cantigas de rodas em forma de brincadeiras no contexto educacional e social, visto que estas são essenciais na formação da pessoa.

Brincar, cantar, interagindo uns com os outros, são ações que devem estar presentes no cotidiano das crianças, pois é brincando, cantando, interagindo, socializando que elas poderão entender melhor o mundo que as cerca de uma forma mais divertida e adequada para sua idade.

O educador deve ter consciência de que seus educandos devem estar em contato com tais momentos, e ter prazer em realizar essas atividades e ainda compreendendo que são essenciais para si mesmos. Isso significa que cada vez mais devem estar presentes no cotidiano do aluno as cantigas de roda, as expressões folclóricas, as músicas que despertem nas crianças o desejo de viver a vida de um jeito mais divertido.

Observamos que na sociedade em que vivemos hoje, tais cantigas não são tão utilizadas como antes, mas estão presentes nas lembranças de alguns idosos que entrevistamos, tais lembranças estão em suas memórias onde estão guardadas tudo aquilo que faz parte das tradições que vivenciaram no passado.

Os idosos que entrevistamos três, do Lar Santo Agostinho e quatro escolhidos aleatoriamente, conviveram com tais brincadeiras e cantigas de roda e demonstraram com suas faces o quanto foram felizes, o quanto isso pôde fazê-los vivenciar um mundo mais divertido, relacionado com as tradições e costumes que foram passadas de geração em geração.

Se recordam das cantigas e brincadeiras de roda, uns com mais intensidade que outros, eles sentem que estas foram importantes na sua infância, na interação com seus colegas, professores, familiares, dessa forma sentem que estas estão sendo pouco a pouco, substituídas por coisas que fazem parte dos avanços tecnológicos, tais como: “celulares, esse negocio de computador, televisão e outros,” conforme enfatizaram os participantes entrevistados.

Portanto, podemos concluir que as brincadeiras e as cantigas de roda e outras manifestações culturais devem ser valorizadas na sociedade, estando sempre presentes nas escolas, nas ruas, nas tradições e festas populares, nas casas; enfim, toda criança deve ter a oportunidade de presenciar e aprender a respeito dessa importância, para que ao chegar na idade adulta e na velhice, possam transmiti-las para seus descendentes, a fim de que elas nunca sejam esquecidas totalmente. Na realidade, o que se espera é a recuperação e a

valorização; descartando assim qualquer possibilidade de perda ou esquecimento destas cantigas e brincadeiras de roda.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **O que é folclore**. ed, São Paulo, Brasiliense: 1982.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembranças de dos Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11. ed. São Paulo: Global, 2001.

COSTA, Maria Jacira da. **O idoso na sociedade contemporânea: memória e letramento**. 48 f. Monografia (Graduação) Curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, 2006.

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

EUZEBIO, Fabiana de Oliveira; RIBEIRO, Eneida Maria Pereira. **A importância das cantigas de rodas na educação infantil**. 2013. 48f. Monografia (Graduação) – Serra: Faculdade Capixada da Serra, 2013.

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 2. ed. Petrópolis/RJ: 1979.

FREITAS, Sônia Maria. **Historia oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GIL, Thais Nogueira; CAMPOS, Rogério Cunha. “**As Meninas de Sinhá**”: a reinvenção da vida nas tramas do discurso musical. Revista paidéia 2009 n°5 p.137-151.

MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de Historia Oral**. 5. ed. São Paulo, 1996.

SOUZA, Marco Aurelio de Cardoso. **As cantigas de roda na creche jardim felicidade-cenário vivo para o exercício do olhar: um estudo autoetnográfico**. Disponível em:<[HTTP://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?dtese +20111732001010058P9](http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?dtese+20111732001010058P9)> Acesso em 19 de maio 2013.

ZOBOLI, Fábio; SENS, Magali Furtuoso; TELLES, Cassiano. O brinquedo cantado na escola: uma ferramenta no processo de aprendizagem.

EFEDesportes.com.revistadigital.Buenos Aires, Ano 16, n° 159, Agosto de 2011. Disponível em: <[HTTP://www.efdesportes.com/efd159/o-brinquedo-cantadoescola.htm](http://www.efdesportes.com/efd159/o-brinquedo-cantadoescola.htm)> Acesso em 20

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

QUESTIONÁRIO

Qual seu nome e idade?

Onde você morou na infância?

Na sua infância você brincava?

Quem te ensinou a brincar?

De que você brincava?

Você realizava brincadeiras cantadas, como as cantigas de roda, cantigas de ninar?

Qual dessas brincadeiras você mais gostava e por quê?

Você poderia cantar ou falar a brincadeira que você mais gostava?

Nas suas brincadeiras meninas e meninos brincavam juntos?

Qual o local mais comum que você acostumava brincar?

Com quem você aprendeu a brincar e cantar?

Você ensinou tais brincadeiras para outras pessoas (filho/filha/neto/neta e outros)

Em sua opinião as crianças de hoje ainda brincam das mesmas brincadeiras que você brincava?

O que você sentia ao brincar e cantar?

APÊNDICE 2 - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

CEDENTE: _____,
nacionalidade _____,
estado civil _____, profissão _____
Portador da Cédula de Identidade RG nº _____ e do CPF nº _____,
domiciliado e residente na _____.

CESSIONÁRIO: Aos pesquisadores (as), Elenir Maria de Jesus Bravosi (discente); Milka Helena Carrilho Slavez (docente) da UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL (UEMS), estabelecida na Avenida João Rodrigues de Melo – Jardim Santa Mônica. CEP: 79500-000,

OBJETO: Entrevista gravada e imagem exclusivamente para o trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, intitulado “MEMÓRIA DE IDOSOS SOBRE INFÂNCIA E CANTIGAS DE RODA NA CIDADE DE PARANAÍBA-MS”, na UEMS – Unidade de Paranaíba –MS.

DO USO: Declaro ceder o depoimento oral e fotos sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei aos pesquisadores

(as) _____
_____, na cidade de _____, em
___/___/____. Os pesquisadores ficam conseqüentemente autorizados a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento em parte, editado ou não e as fotos, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas éticas da academia, com a ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Paranaíba, _____ de _____ de 2015.

(Assinatura do entrevistado/depoente)